

Ur e Uruk

A história e o legado das duas
mais importantes dos sumérios
antigos

Charles River Editors

Ur e Uruk: a história e o legado das duas mais importantes cidades dos sumérios antigos

Por Charles River Editors



Imagem de ruínas de Ur, de M. Lubinski

Sobre a Charles River Editors



A **Charles River Editors** oferece serviços excepcionais de edição e escrita original no âmago da indústria de publicação digital, com a especialidade de criar conteúdo digital para editores através de uma vasta gama de assuntos. Além de fornecer conteúdo digital original para editores terceiros, nós também republicamos as maiores obras literárias da civilização, trazendo-as a novas gerações de leitores via e-books.

[Inscreva-se aqui para receber atualizações sobre livros gratuitos à medida em que os publicamos](#), e visite [Nossa Página do Autor Kindle](#) para consultar as promoções gratuitas de hoje e nossos últimos títulos Kindle publicados.

Introdução



Imagem de soldados caminhando entre as ruínas de Ur

Ur

Quando arqueólogos americanos descobriram uma coleção de tabuletas cuneiformes no Iraque, ao final do século XIX, eles se depararam com uma linguagem e um povo que, naquela época, era pouco conhecido até mesmo pelos estudiosos mais instruídos da antiga Mesopotâmia: os sumérios. As explorações e conquistas de outros povos mesopotâmicos, como os assírios e babilônios, já eram conhecidas por um grande segmento da população através do Antigo Testamento, e o campo nascente de estudos do Oriente Próximo havia revelado o enigma da língua acadiana, que era amplamente utilizada na região em tempos antigos; no entanto, a descoberta das tabuletas sumérias trouxe à luz a existência da cultura suméria, a mais antiga de todas as culturas da Mesopotâmia.

Muito antes de Alexandria ser uma cidade, e antes mesmo de Mênfis e Babilônia alcançarem grandeza, a antiga cidade mesopotâmica de Ur era primordial entre as cidades do Oriente Próximo. Atualmente, a grandeza e influência cultural de Ur têm sido esquecidas pela maioria das pessoas, parcialmente porque seus monumentos não resistiram ao tempo da forma como os monumentos de outras culturas antigas o fizeram. Por exemplo, os

monumentos do Egito foram feitos de pedra, ao passo em que os de Ur e da maioria das cidades da Mesopotâmia foram feitos de tijolos de barro; como será discutido neste artigo, tijolo de barro pode ser um material mais fácil de trabalhar do que pedra – porém, o mesmo também decai mais rapidamente. O mesmo vale, de certa forma, para os documentos escritos que foram produzidos em Ur. O povo da Mesopotâmia, do qual Ur fazia parte, empregava o sistema cuneiforme de escrita; uma vez que a mesma era quase sempre feita em tabuletas de argila, acadêmicos modernos têm de lidar com o lamentável problema de que muitas das tabuletas foram quebradas e tornaram-se ilegíveis ao decorrer dos séculos. Apesar da natureza efêmera de seus monumentos e, em certa medida, de seus textos escritos, Ur provou ser uma inspiração para os sumérios que construíram a cidade e também para culturas e dinastias posteriores que habitaram a Mesopotâmia.

Um exame de fontes primárias relacionadas a Ur, bem como escavações arqueológicas feitas na cidade antiga, revelam que a mesma fora um baluarte cultural por milhares de anos. Ur surgiu como uma cidade de importância secundária, mas rapidamente cresceu para tornar-se a cidade mais importante da Suméria. Em seu auge, Ur foi o centro da grande dinastia que controlava diretamente a maior parte da Mesopotâmia, através de um exército e burocracia bem administrados – além disso, as áreas que não estavam sob seu controle direto foram influenciadas por diplomatas e ideias religiosas de Ur. O presente estudo também revelará que Ur era uma cidade verdadeiramente resistente, pois sobrevivera à queda dos sumérios, à destruição completa nas mãos dos elamitas, e às ocupações posteriores por diversos outros povos, que, mais recentemente, incluíram Saddam Hussein. Ur inspirou a imaginação dos povos antigos, mas também extasiou as mentes dos povos modernos, que trabalharam por mais de 150 anos para desvendar os mistérios da cidade. Verdadeiramente, quando se trata de importantes cidades antigas, Ur deveria ser contada entre as maiores.



Imagem de parte de Uruk, 2008

Uruk

“E saía um rio do Éden para regar o jardim, e dali se dividia, repartindo-se em quatro braços. O primeiro chama-se Pison...E o nome do segundo rio é Giom...E o nome do terceiro rio é Tigre: este é o que corre pelo oriente da Assíria. E o quarto rio é o Eufrates. E o Senhor Deus tomou o homem, e o pôs no jardim do Éden para o lavrar e o guardar.” - Gênesis 2: 10-15

No sul do Iraque, um silêncio esmagador paira sobre as dunas. Por quase cinco mil anos, as areias do deserto do Iraque guardaram vestígios da mais antiga civilização conhecida: a civilização suméria. Quando, nesta área, arqueólogos americanos descobriram uma coleção de tabuletas cuneiformes, ao final do século XIX, eles se depararam com uma linguagem e um povo que, naquela época, era pouco conhecido até mesmo pelos estudiosos mais instruídos sobre a antiga Mesopotâmia. As explorações e conquistas de outros povos mesopotâmicos, como os assírios e babilônios, já eram conhecidas por um grande segmento da população através do Antigo Testamento, e o campo nascente de estudos do Oriente Próximo havia revelado o enigma da língua acadiana, que era amplamente utilizada na região em tempos antigos; no entanto, a descoberta das tabuletas sumérias trouxe à luz a existência da cultura suméria, a mais antiga de toda a Mesopotâmia.

Embora os sumérios continuem recebendo o segundo ou mesmo o terceiro faturamento em comparação aos babilônios e assírios, – talvez porque eles nunca construíram um império tão grandioso quanto os assírios ou nunca estabeleceram uma cidade tão grande e duradoura como a Babilônia – eles foram o povo que forneceu o modelo de civilização no qual todos os posteriores mesopotâmicos basearam-se. Os sumérios são creditados como sendo o primeiro povo a inventar a escrita e construir bibliotecas, cidades e escolas na Mesopotâmia (Ziskind 1972, 34), e muitos argumentariam que eles foram os pioneiros do mundo a cumprirem tais feitos.

Para um povo tão grandioso, é lamentável que suas realizações e contribuições, não só para a civilização mesopotâmica mas para a civilização em geral, passem em grande parte despercebidas pela maioria do público. Talvez os sumérios tenham sido vítimas de seu próprio sucesso; eles gradualmente entraram no registro histórico, estabeleceram uma grandiosa civilização, a então lentamente submergiram no mosaico cultural de suas redondezas. Eles também nunca sofreram um grande e repentino colapso assim como os outros povos do Oriente Próximo – como aconteceu com os hititas, assírios e neobabilônicos. Um exame minucioso da cultura e cronologia sumérias revela que os mesmos determinaram o modelo cultural na Mesopotâmia por séculos, nos campos da política, governos, artes, literatura e religião. Os sumérios foram verdadeiramente um grande povo, cujo legado perdurou por muito tempo, mesmo depois de seu fim.

Mesmo nos dias de hoje, o mundo deve muito aos sumérios. Quando a Europa Ocidental ainda estava na Idade Média, foram os sumérios que inventaram a escrita e a roda, dividiram o tempo em minutos e segundos, dominaram a natureza e construíram cidades gigantescas. Eles abraçaram a cultura e as artes, e suas caravanas cruzaram os desertos, abrindo as primeiras rotas de comércio. Seus mitos e lendas inspiraram diversas histórias de origem, e sua memória ainda vive no Antigo Testamento. Eles escreveram a história do nascimento da humanidade. A herança da civilização suméria e de seus sucessores está em todas as partes.

Nenhum local melhor representa a importância dos sumérios do que a cidade de Uruk. Entre o quarto e o terceiro milênio a.C., Uruk era uma das diversas cidades-estado da terra da Suméria, localizada no extremo sul do Crescente Fértil, entre os dois grandes rios Tigre e Eufrates. Descoberta ao final do século XIX pelo arqueólogo britânico William Loftus, é o local que

revelou muito do que hoje é conhecido sobre os povos sumérios, acadianos e neo-sumérios.

Embora Uruk não tenha sido a única cidade construída pelos sumérios durante o período, era de longe a mais grandiosa e também a fonte da maioria das evidências arqueológicas e escritas no que diz respeito à cultura suméria primária (Kuhrt 2010, 1:23). Uruk passou de primeira cidade do mundo para primeiro centro político e cultural mais importante do Oriente Próximo em relativamente pouco tempo. Por volta de 3200 a.C., a cultura de Uruk começou a expandir-se além das fronteiras da Suméria, o que coincidiu com a emergência da escrita (Kuhrt 2010, 1:23). A forma de escrita desenvolvida pelos sumérios tornou-se conhecida por seu nome grego, “cuneiforme”, pelos caracteres em estilo de cunha que a mesma empregava (Van de Mieroop 2007, 28). A escrita, assim como diversas outras invenções ao longo da história do mundo, parece ter sido criada por necessidade; à medida que a cultura de Uruk crescia, os sumérios precisavam desenvolver uma forma sofisticada de manter registros, o que apenas poderia ser feito através da escrita (Van de Mieroop 2007, 28). Apesar de ter sido usado exclusivamente para a linguagem suméria a princípio, o sistema de escrita cuneiforme foi posteriormente adaptado e usado por uma série de diferentes línguas do Antigo Oriente, como a acadiana, a hitita, e a persa antiga (Dalby 1986, 475).

[Ur: História e Legado da Antiga Capital Suméria](#)

[Sobre a Charles River Editors](#)

[Introdução](#)

[Capítulo 1: Uma Inspiração para a Mesopotâmia](#)

[Capítulo 2: A Descoberta Moderna de Ur](#)

[Capítulo 3: Ur e o Período Dinástico Inicial \(aprox. 2900-2500 a.C.\)](#)

[Capítulo 4: Ur durante a Terceira Dinastia de Ur \(2112-2004 a.C.\)](#)

[Capítulo 5: Outros Monumentos e Eventos durante Ur III](#)

[Capítulo 6: O Fim de Ur III e a Destruição Temporária da Cidade](#)

[Capítulo 7: O Ressurgimento de Ur sob os Cassitas e Babilônios](#)

[Capítulo 8: Os Assírios e Ur](#)

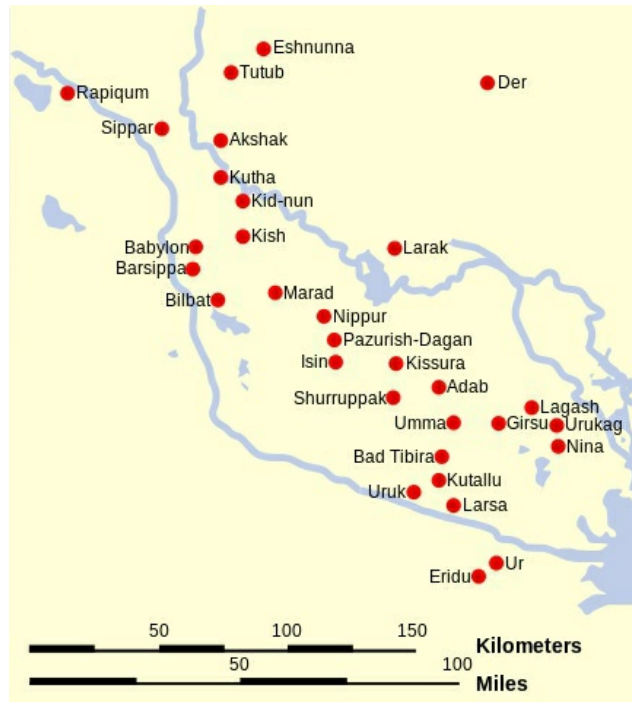
[Capítulo 9: Ur nos Tempos Antigos Posteriores](#)

[Capítulo 10: O Esforço Moderno de Ur pela Existência](#)

[Recursos Online](#)

[Bibliografia](#)

Capítulo 1: Uma Inspiração para a Mesopotâmia



Mapa de Sumer



Arco localizado em Ur

Embora os sumérios continuem recebendo o segundo ou mesmo o terceiro

faturamento em comparação aos babilônios e assírios, – talvez porque eles nunca construíram um império tão grandioso quanto os assírios ou nunca estabeleceram uma cidade tão grande e duradoura como a Babilônia – eles foram o povo que forneceu o modelo de civilização no qual todos os posteriores mesopotâmicos basearam-se. Os sumérios são creditados como sendo o primeiro povo a inventar a escrita e construir bibliotecas, cidades e escolas na Mesopotâmia (Ziskind 1972, 34), e muitos argumentariam que eles foram os pioneiros do mundo a cumprirem tais feitos.

Para um povo tão grandioso, é lamentável que suas realizações e contribuições, não só para a civilização mesopotâmica mas para a civilização em geral, passem em grande parte despercebidas pela maioria do público. Talvez os sumérios tenham sido vítimas de seu próprio sucesso; eles gradualmente entraram no registro histórico, estabeleceram uma grandiosa civilização, a então lentamente submergiram no mosaico cultural de suas redondezas. Eles também nunca sofreram um grande e repentino colapso assim como os outros povos do Oriente Próximo – como os hititas, assírios e neobabilônicos fizeram. Um exame minucioso da cultura e cronologia sumérias revela que os mesmos determinaram o modelo cultural na Mesopotâmia por séculos, nos campos da política, governos, artes, literatura e religião. Os sumérios foram verdadeiramente um grande povo, cujo legado perdurou por muito tempo, mesmo depois de seu fim.

Dito isto, os sumérios permanecem enigmáticos pois, apesar de sua linguagem ter sido decifrada e, portanto, seus textos tenham sido traduzidos para as línguas modernas, a mesma não pode ser classificada dentro de um grupo de linguagem específico. Alguns estudiosos acreditam que, uma vez que a maioria dos outros grupos étnicos da Mesopotâmia falava línguas semíticas e os sumérios não, eles, portanto, devem ter migrado de longe para a região (Ziskind 1972, 41), enquanto outros argumentaram mais recentemente que os mesmos viveram na Mesopotâmia por um algum tempo antes de 3100 a.C. (Kuhrt 2010, 1:23; Van de Mieroop 2007, 10). A última fonte geográfica do povo sumério pode nunca vir a ser conhecida, mas a sua influência em Ur não está aberta à discussão; Ur surgira como uma genuína cidade suméria e possuía qualidades culturais sumérias inerentes. A Cidade Suméria de Ur, no entanto, rapidamente transcendeu suas qualidades puramente sumérias, como evidenciado pelo Antigo Testamento da Bíblia.

O Antigo Testamento é repleto de diversas histórias sobre povos bíblicos

que arqueólogos modernos e estudiosos bíblicos provaram como factuais e que podem ser benéficos para a compreensão de outros povos e lugares do Antigo Oriente Próximo, como Ur. No livro de Gênesis, o patriarca Abraão e sua família são descritos como tendo vivido em Ur. O livro diz: “E estas são as gerações de Terá: Terá gerou a Abrão, a Naor e a Harã; e Harã gerou a Ló. E morreu Harã, estando seu pai Terá ainda vivo, na terra de seu nascimento, em Ur dos Caldeus. E tomaram Abrão e Naor mulheres para si: o nome da mulher de Abrão era Sarai; e o nome da mulher de Naor era Milca, filha de Harã, pai de Milca e pai de Iscá. E Sarai foi estéril, não tinha filhos. E tomou Terá a Abrão, seu filho, e a Ló, filho de Harã, filho de seu filho, e Sarai, sua nora, mulher de seu filho Abrão, e saiu com eles em Ur dos Caldeus, para ir à terra de Canaã; e vieram até Harã, e habitaram ali.” (Gn, 11:27-31)

Esta passagem relata alguns aspectos interessantes e importantes de Ur relativos tanto a seu significado entre os povos não-sumérios quanto à sua localização no Antigo Oriente Próximo. É interessante que, embora Abraão e sua família não fossem sumérios, Ur é listada no relato bíblico como sua primeira casa. Muitas cidades no Antigo Oriente possuíam bairros designados para estrangeiros: Mênfis, no Egito, tinha um bairro grego em sua história recente e Alexandria, também no Egito, foi dividida em bairros étnicos, de modo que a ideia de cidades etnicamente diversas não era um conceito estranho na região. No caso de Ur, esta era provavelmente um centro para povos pastores não-sumérios que possuíam acampamentos perto dos portões da cidade (Kitchen 2003, 316). Kitchen também explica que embora tenham existido outras cidades nomeadas Ur, a “Ur dos Caldeus” da Bíblia é claramente uma referência à cidade suméria (Kitchen 2003, 3016). Os caldeus eram um povo que vivia no sul da Mesopotâmica e que mais tarde conquistaria a maior parte da Babilônia, incluindo o reino de Israel, durante os séculos VII e VI a.C. – portanto, embora a referência seja cultural e cronologicamente incorreta, é geograficamente próxima da realidade.

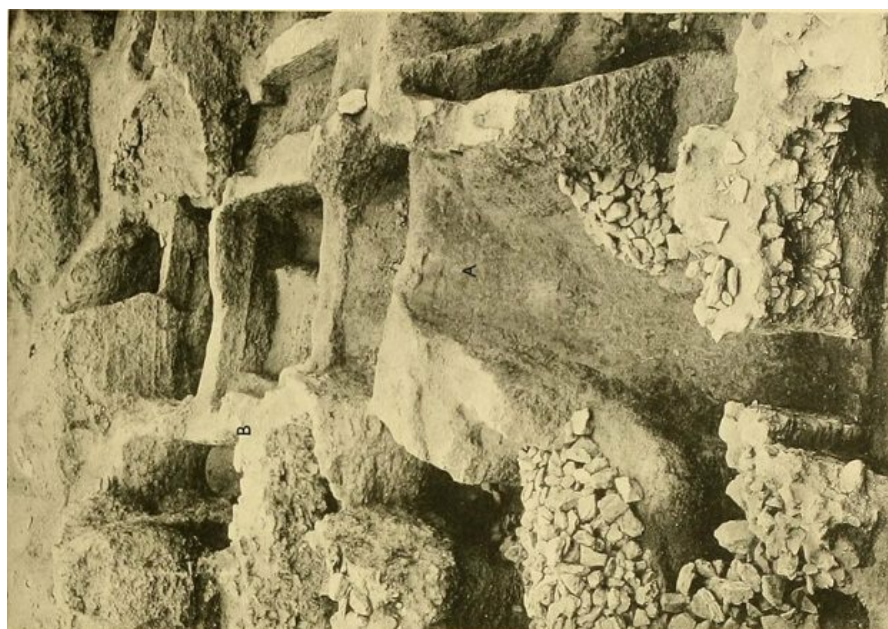
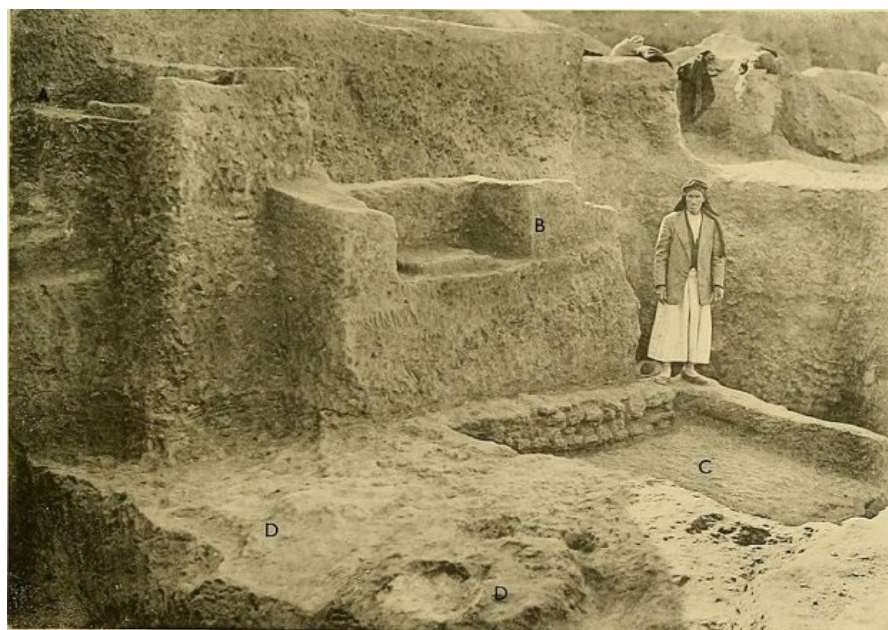
Em termos de referências geográficas modernas, Ur era localizada aproximadamente a meio caminho entre a moderna cidade de Bagdá e a cabeça do Golfo Pérsico, onde é hoje o estado-nação moderno do Iraque (Woolley 1982, 12). Ur era uma cidade-chave na mais ampla região geográfica conhecida como “Crescente Fértil”, que abrangia o Levante e a Mesopotâmia. A região da Mesopotâmia, assim nomeada pelos gregos e que significa “a terra entre dois rios”, é uma vasta região que hoje compreende os

estados-nação do Iraque e parte da Síria, e fica entre os rios Tigre e Eufrates. A Mesopotâmia foi posteriormente subdividida em mais regiões nos tempos antigos: a Assíria localizava-se no extremo Norte, Babilônia e Acádia localizavam-se ao Centro, e a Suméria, onde Ur era situada, localizava-se no extremo Sul. Ur situava-se poucos quilômetros ao sul do Rio Eufrates (Van de Mieroop 2007, 13). A região, particularmente fértil, produzia comida o suficiente para alimentar uma numerosa população, mas a esta lhe faltava muitos outros recursos necessários para a construção de grandes monumentos.

O rico solo aluvial da Mesopotâmia ajudava a produzir quantidades abundantes de grãos para seus habitantes, porém oferecia muito pouco em termos de madeira, pedra, ou outras mercadorias preciosas como o ouro, a prata, e o lápis lazuli (Kuhrt 2010, 1:21). A ausência destes materiais pode não parecer um problema em termos de construção básica de uma sociedade, mas para a mesma atingir um nível superior de desenvolvimento e tornar-se uma verdadeira civilização, monumentos são considerados vitais pela maioria dos historiadores e antropólogos modernos. No início do terceiro milênio a.C., os sumérios desenvolveram complexas redes comerciais que conectavam a maior parte do Antigo Oriente e traziam raros bens para suas cidades, como Uruk e Ur (Van de Mieroop 2007, 35). Apesar do influxo de itens raros em Ur, os sumérios preferiram construir a maioria de seus monumentos principais a partir de tijolos de barro facilmente disponíveis ao invés de pedra (Frankfort 1996, 18). Tijolo de barro é um material relativamente fácil de trabalhar e capaz de construir grandes monumentos; no entanto, assim como o mais impressionante monumento de Ur, o Zígarate de Ur, atestara, ele não resiste ao teste do tempo da forma como os monumentos de pedra o fazem. Uma vez que a maioria dos grandes monumentos de Ur não suportou bem o passar das eras, sua descoberta moderna foi um evento incrível por si só.

Capítulo 2: A Descoberta Moderna de Ur





Imagens do trabalho de escavação em Ur

A descoberta de Ur no período moderno seguiu o mesmo padrão ocorrido quando outras culturas e cidades antigas foram redescobertas. O período conhecido como o Iluminismo, no século XVIII, foi um período em que os europeus ocidentais começaram a questionar a legitimidade do governo monárquico, da religião organizada, e da própria vida. Filósofos como o britânico John Locke e o francês Jean-Jacques Rousseau escreveram livros que questionavam a natureza do governo e influenciaram as revoluções na

América e na França. O Iluminismo também levantou ideias como a educação popular e questionou ideias-padrão da história. Antes do Iluminismo, a maioria dos europeus considerava as culturas do Antigo Testamento como as únicas dignas de estudo antes da civilização helênica, mas a atenção dada a esses povos era, na melhor das hipóteses, superficial. Acadêmicos iluministas começaram a visualizar o passado mais criticamente e acreditavam que havia mais do mundo antigo do que os gregos, os romanos e os povos bíblicos. Um estudioso recente do Iluminismo resumiu a nova atitude: “As preocupações do século XVIII focavam-se em três grandes áreas: o debate gerado pela ideia de uma natureza humana ‘universal’; o debate associado ao significado da história humana; e o debate gerado sobre o valor e natureza da civilização.” (Outram 1995, 65).

Embora poucas descobertas significativas sobre o Antigo Oriente tenham sido feitas durante o século XVIII, a base foi estabelecida para monumentais avanços historiográficos e arqueológicos a serem realizados durante o século XIX.

O século XIX testemunhou a decifração da antiga escrita hieroglífica egípcia, através da tradução da Pedra de Roseta e uma infinidade de outros achados em todo o Oriente Próximo. Os reinos dos assírios e hititas foram redescobertos, e a cidade perdida de Ur foi encontrada enterrada sob um montículo de sujeira e destroços. Em 1853, o arqueólogo britânico J.E. Taylor atravessava o Iraque à procura de antigas ruínas e artefatos mesopotâmicos para o Museu Britânico, quando se deparou com um grande montículo perto do Rio Eufrates. Depois de certa investigação, Taylor escavou o montículo e logo constatou que havia descoberto a cidade perdida de Ur, a “Ur dos Caldeus”, mencionada em Gênesis (Woolley 1982, 12). A revelação de Taylor abriu caminho para outros arqueólogos britânicos realizarem importantes descobertas em Ur; por exemplo, W.K. Loftus desenterrou uma muralha coberta de mosaicos e numerosos outros artefatos menores lá foram descobertos durante o século XIX (Woolley 1982, 37). O trabalho arqueológico mais importante feito em Ur foi conduzido pelo inglês Leonard Woolley, que começou as escavações da cidade em 1922 e completou seu trabalho da necrópole – que será extensivamente discutido abaixo – em 1929 (Woolley 1982, 24). Woolley introduziu, em seu trabalho em Ur, técnicas arqueológicas modernas que ainda são usadas hoje em dia, e defendeu a hipótese de que o dilúvio bíblico e o dilúvio descrito na *Epopéia*

de Gilgamesh são um só e o mesmo (Woolley 1982, 32). Deve-se mencionar que a teoria do dilúvio de Woolley dizia que o mesmo foi um fenômeno localizado e que a forma como ele é retratado em ambos Antigo Testamento e Epopeia de Galgamesh “é uma extensão irreal de um desastre natural muito real na Suméria” (Woolley 1982, 34). A teoria do dilúvio localizado de Woolley tem sido pelo menos parcialmente confirmada por estudos modernos, que provam que o litoral do Golfo Pérsico foi uma vez consideravelmente mais adentro ao interior, aproximadamente na área de Ur (Pollock 1999, 30).



Mural encontrado em Ur, imagem de Alma Guinness



Padrão de Guerra encontrado em Ur

Capítulo 3: Ur e o Período Dinástico Inicial (aprox. 2900-2500 a.C.)

Como retratado acima, a história inicial de Ur era inexoravelmente interligada a dos sumérios, mas, ao consolidarem seu poder no sul da Mesopotâmia, os sumérios dedicaram a maior parte de suas energias na construção da cidade de Uruk, ao norte de Ur. Uruk tornou-se a capital

cultural da Suméria em seu estado inicial, quando a primeira escrita e as primeiras formas de arte sumérias foram desenvolvidas na cidade (Kuhrt 2010, 1:23). As escavações em Ur demonstraram que, embora a cidade existisse durante o Período Dinástico Inicial, pouca importância em termos de monumentos foi produzida antes de 2500 a.C., o que não quer dizer que a cidade não era importante. Em torno de 280 tabuletas escavadas em Ur foram datadas de aproximadamente 2800 a.C. (Van de Mieroop 2007, 42) e estudos desses textos revelaram que a cidade foi um centro religioso em uma época anterior. De acordo com as antigas crenças religiosas mesopotâmicas, cada cidade era a morada de um deus específico (Van de Mieroop 2007, 45). Ur era o lar da tríade divina, Nana e Ningal, que mais tarde tornar-se-iam importantes divindades mesopotâmicas em outras cidades, durante períodos posteriores. Em verdade, aparenta-se que o vagaroso, porém constante crescimento de Ur podem ser ligados diretamente à importância de Nana e Ningal. Embora houvesse escassez de evidência arqueológica escavada em Ur, que possa ser definitivamente datada do Período Dinástico Inicial, os vestígios de um número de edifícios religiosos foram descobertos (Woolley 1982, 46). A existência desses edifícios indica que a importância de Ur enquanto centro de culto a Nana e Ningal começou cedo, como será discutido mais detalhadamente abaixo, e a cidade continuou a ser um importante centro neste tópico por mais de dois mil anos, mesmo sob as regras de diversas dinastias diferentes.

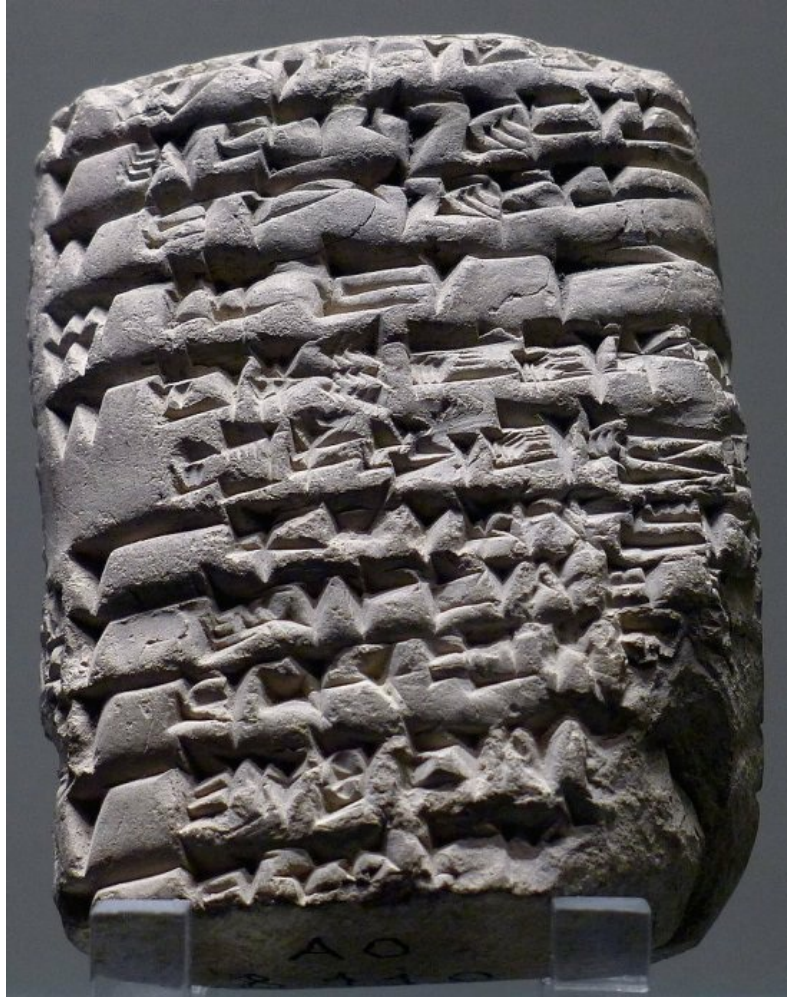
Outro exemplo da importância religiosa de Ur durante o Período Dinástico Inicial é evidenciado pela ampla necrópole que Woolley revelou primeiramente durante suas escavações da cidade. Woolley datou as origens da necrópole de Ur ao Período Dinástico Inicial, que incluía as tumbas de uma série de nobres identificados (Woolley 1982, 51). A existência de uma ampla necrópole em Ur levanta importantes questões sobre a religião da antiga Mesopotâmia, que serão exploradas neste estudo, e isso também demonstra que, embora Ur possa não ter sido politicamente tão importante quanto Uruk neste período inicial, os sumérios atribuíram um significado religioso e espiritual especial à cidade. Enquanto Ur continuava sua vagarosa, porém constante ascensão durante o Período Dinástico Inicial, a região foi repentinamente impulsionada à instabilidade quando uma nova dinastia, advinda da região da Acádia, ao norte da Suméria, subiu ao poder.

Uruk e o poder dos sumérios foram desafiados por um novo grupo de

peças de fala semítica, os acadianos, liderados por um vigoroso rei chamado Sargão (2340-2284 a.C.). Embora Sargão e os acadianos tenham estabelecido sua língua como a “língua franca” da Mesopotâmia e, posteriormente, da diplomacia em todo o Oriente Próximo (Kuhrt 2010, 1:46), eles mantiveram a continuidade cultural suméria na região, o que incluiu patronar os mais importantes templos de Ur. Em particular, Sargão nomeou sua filha como a suma sacerdotisa, ou *entu*, do deus da lua Nana em Ur (Van de Mieroop 2007, 66), o que mais uma vez demonstra a importância religiosa contínua da cidade. Líderes acadianos subsequentes também colocaram suas filhas como sumas sacerdotisas de Nana em Ur, atitude que provou ser tanto religiosa quanto politicamente motivada (Van de Mieroop 2007, 66). Os acadianos, que eram tecnicamente estrangeiros entre os sumérios, perceberam que, para que fossem aceitos como líderes legítimos, eles teriam de patronar os cultos de importantes cidades sumérias, como Ur.

Os acadianos foram bem-sucedidos por um período considerável em seus esforços para incorporar todo o sul da Mesopotâmia sob seu governo, porém sua dinastia acabou sendo eventualmente derrubada, pelo menos parcialmente, por uma horda bárbara conhecida como os gutianos (Kuhrt 2010, 1:56-57). A presença física gutiana no sul da Mesopotâmia provou ser efêmera, embora textos da posterior Terceira Dinastia de Ur tenham atribuído seu reinado de terror ao zangado deus Enlil, quem os sumérios acreditavam ser ignorado pelos acadianos (Kuhrt 2010, 1:57). Após o colapso da dinastia acadiana e após os gutianos retornarem à sua terra natal nas montanhas do Leste, a situação política no sul da Mesopotâmia reverteu ao que era antes dos acadianos subirem ao poder: um mosaico descentralizado de cidades-estado em competição. A situação, no entanto, não duraria muito, e após uma nova ordem ser estabelecida, Ur encontraria-se no ápice de seu poder.

Capítulo 4: Ur durante a Terceira Dinastia de Ur (2112-2004 a.C.)



Tabuleta datada da Terceira Dinastia de Ur

A Terceira Dinastia de Ur, conhecida por estudiosos modernos como Ur III, foi um período em que Ur tornou-se o ponto focal da história da Mesopotâmia, e seus líderes trouxeram de volta o uso da língua suméria em textos administrativos e religiosos (Kuhrt 2010, 1:58-59). Foi provavelmente durante a Dinastia Ur III que a *Epopéia de Galgamesh* foi primeiramente colocada em escrita (Sandars 1972, 8); mas, principalmente, os existentes textos do período pintam uma imagem clara da composição do estado e mão-de-obra necessária para sua continuação. Por exemplo, uma série de textos de Ur III detalham a imensa quantidade de mão-de-obra necessária para a construção de projetos como os zigurates e os canais de irrigação. Os canais de irrigação eram particularmente intrincados e os terrenos agrícolas que eles alimentavam eram especificamente delineados e apropriados; os líderes de Ur iniciaram uma estratégia de rotação de culturas de três campos, onde os

campos eram semeados, colhidos e deixados em pousio em um padrão cíclico (Kuhrt 2010, 1:60).

Foi também durante a dinastia Ur III em que Ur tornou-se um importante centro comercial e eventualmente eclipsou Uruk. Textos indicam que Ur era um dos mais importantes centros têxteis da Mesopotâmia no período; mulheres e crianças trabalhavam em oficinas que produziam roupas de lã e de linho e cobertores, que eram então exportados por todo o Oriente Próximo (Kuhrt 2010, 1:60). A produção de metais também se tornou uma indústria importante durante Ur III, os quais, assim como os têxteis, eram exportados pelos líderes da cidade, e usados para sofisticar armas. Tabuletas cuneiformes do período demonstram que toda a atividade econômica de Ur era altamente centralizada, mas as caravanas de comércio eram realizadas por comerciantes independentes (Kuhrt 2010, 1:61). A natureza centralizada da economia de Ur é melhor vista no sistema padronizado de pesos e medidas usado durante Ur III. Estudiosos argumentam que tal tipo de economia não funcionaria bem como um sistema de trocas direto. O escambo era provavelmente usado para transações pequenas e pessoais, mas para transações maiores sancionadas pelo estado, uma espécie de padrão deve ter sido usada. Bobinas de metal feitas de ouro, prata, bronze e cobre, descobertas em Ur, são acreditadas por muitos de terem sido usadas como um tipo de peso padronizado e proto-moeda (Kuhrt 2010, 1:61). Se isso for verdade, a proto-moeda de Ur é, portanto, anterior às moedas usadas pelos persas em mais de 1.500 anos. As tabuletas que relacionam as atividades agrícola e econômica em Ur são verdadeiramente esclarecedoras, mas os mesmos textos também fornecem muitas informações sobre a composição do estado de Ur III.

Os documentos administrativos existentes da Terceira Dinastia de Ur eram incrivelmente bem organizados e complexos, e muito similares ao do estado contemporâneo do Antigo Reino do Egito. Assim como o Egito, o estado de Ur III era dividido em uma série de províncias supervisionadas por governadores conhecidos pela palavra suméria *ensi*. Cada *ensi* era provavelmente selecionado da nobreza ou elite local (Kuhrt 2010, 1:61), o que significava que os reis de Ur podiam dedicar seu tempo e recursos a assuntos como diplomacia e comércio, ao invés de gastarem tempo visitando províncias periféricas. Em sua maior parte, o sistema funcionava bem, pelo menos provavelmente parcialmente, devido ao fato de que a administração dos *ensi* era paralela com uma administração militar. Cada província possuía

pelo menos um general, e algumas, assim como a província de Umma, possuía diversos generais e apenas um *ensi* (Van de Mieroop 2007, 77). Os generais nunca eram nativos das regiões que serviam e, apesar de frequentemente pertencerem a grupos étnicos não-sumérios, eles permaneciam sempre leais a Ur (Van de Mieroop 2007, 77). Se um *ensi* possuísse a ousadia de se rebelar contra Ur, primeiramente ele deveria argumentar com o general, ou generais, que servissem em sua província. Os textos administrativos mostram que embora os *ensi* e os generais fossem vitais para o estado de Ur III, a instância mais importante abaixo do rei era a do *sukkalmah*.

O *sukkalmah* pode ser melhor descrito como um chanceler real ou vice-rei que representava os interesses do estado de Ur III fora dos limites de Ur (Van de Mieroop 2007, 79). Ele ordenava que os generais coletassem tributos das províncias e estabelecia o número que cada localidade deveria pagar (Van de Mieroop 2007, 79). O *sukkalmah* também era responsável por supervisionar e administrar os pântanos do estado de Ur III, onde não havia reais províncias e a falta de lei e ordem persistia (Kuhrt 2010, 1:61). As fontes também mostram que embora Ur fosse a capital da dinastia, outras cidades sumérias, como Uruk, Nippur, e Eridu, continuaram desempenhando papéis importantes, especialmente em contextos religiosos e cerimoniais (Kuhrt 2010, 1:64).

A arte da diplomacia também era empregada a um nível sofisticado pelos líderes do estado de Ur III. Embora seus reis não tenham mantido nenhum registro de tratados ou textos de correspondências oficiais com outros estados – ou pelo menos nenhum texto sobreviveu ou foi descoberto, – uma série de textos descritos acima também se referiam à diplomacia, o que pode ajudar a pintar a imagem de como os reis de Ur a utilizavam em seus interesses. Pelos textos, aparenta-se que os reis programavam seus eventos diplomáticos para coincidirem com festivais religiosos, e que o homem que organizava todo e qualquer encontro diplomático era o *sukkalmah* (Sharlach 2005, 17-18). O *sukkalmah*, que em sua capacidade operava similarmente ao Secretário de Estado moderno, ajudava a organizar os itinerários dos diplomatas e emissários estrangeiros que pretendiam ver os reis de Ur. Cada festival era uma renovação do direito divino do rei de governar o estado de Ur, então era de grande importância para dignitários estrangeiros que comparecessem a estes eventos (Sharlach 2005, 22).

Capítulo 5: Outros Monumentos e Eventos durante Ur III

Os avanços administrativos feitos em Ur durante a dinastia Ur III foram muito impressionantes, mas uma série de outros monumentos incríveis foram construídos na cidade no mesmo período. Já que Ur era a capital da dinastia e o centro da cultura mesopotâmica durante o fim do terceiro milênio a.C., evidências destas construções sobreviveram até o período moderno. Dentre os mais incríveis de todos os monumentos do período de Ur III, e que resistiram ao tempo, está o Zigurate de Ur.



O Zigurate de Ur representou o ponto médio de uma longa tradição de construção de monumentos religiosos mesopotâmicos. Essencialmente, um zigurate era uma torre, parte do complexo de templos de uma cidade, e acreditava-se que representava uma montanha, vista como a primeira morada

de qualquer deus ou deusa para qual o complexo do templo era dedicado (Frankfort 1996, 20-21). Como mencionado acima, zigurates eram primariamente feitos de tijolos de barro, o que significava que, infelizmente, a maioria não resistira ao teste do tempo. Zigurates foram primeiramente construídos pelos sumérios, mas líderes subsequentes da Mesopotâmia, incluindo os babilônios, elamitas, assírios e neobabilônicos, todos os construíram. Na verdade, o zigurate mais bem preservado foi construído pelo rei elamita Untash-Napirisha (aprox. 1340-1300 a.C.), próximo à antiga cidade iraniana de Susa. O Zigurate de Untash-Napirisha foi construído com milhões de tijolos de barro. Os tijolos do núcleo interno eram secados ao sol, enquanto os tijolos externos eram reforçados, e sem dúvida obtinham uma grande quantidade de combustível (Van de Mieroop 2007, 186). O Zigurate de Ur foi construído com os mesmos materiais e provavelmente com a maioria dos mesmos métodos de construção que o de Untash-Napirisha, só que cerca de mil anos antes, o que torna impressionante o fato de a maior parte dele ainda estar de pé.



Imagem de tijolo de barro carimbado encontrado em Ur

O Zigurate de Ur foi construído pelo primeiro rei da Terceira Dinastia de Ur, Ur-Nammu (aprox. 2112-2095 a.C.), para o deus da lua e principal divindade, Nana (Kuhrt 2010, 1:64). Atualmente, existe apenas o nível inferior do zigurate – no entanto, baseado na estrutura de outros zigurates conhecidos, este possuía pelo menos três níveis e requeria uma enorme quantidade de trabalho (Kuhrt 2010, 1:64), provavelmente a mesma requerida para a construção das Grandes Pirâmides de Gizé. O Zigurate de Ur, e todos os zigurates nesta questão, mesmo parecendo vagamente com pirâmides, funcionavam de uma maneira um tanto diferente. Os zigurates, como mencionado acima, eram parte dos templos mesopotâmicos, enquanto as pirâmides egípcias funcionavam como tumbas.



Imagens da escadaria principal do zigurate

O Zigurate de Ur é a realização mais visivelmente impressionante já criada em Ur, porém uma série de outros fatos importantes aconteceram na cidade e devem ser considerados. A ambição de Ur-Nammu pela construção era somente igualada ao seu desejo de expandir o domínio de Ur, o que, por fim, o levou à morte no campo de batalha (Kuhrt 2010, 1:63). Ur-Nammu foi sucedido por Shulgi (aprox. 2094-2047 a.C.), que completou a obra do Zigurate de Ur e escreveu um dos primeiros códigos de lei do mundo (Kuhrt

2010, 1:64). Os governantes da dinastia de Ur III viveram vidas ambiciosas e importantes, à medida em que expandiram a influência da cidade, desenvolveram uma burocracia complexa, e construíram grandes monumentos – no entanto, estudos arqueológicos de Woolley e de outros intelectuais revelaram informações significativas sobre a religião em Ur, a partir de como tais líderes morreram.

Uma das descobertas arqueológicas mais intrigantes e importantes de Ur é sua extensa necrópole. A presença de uma necrópole, ou uma coleção de tumbas de sepultamento, em um sítio arqueológico do Antigo Oriente, não é rara – numerosas necrópoles foram desenterradas no Egito e os túmulos dos governantes persas aquemênidas foram descobertos e estudados, mas o que faz da necrópole de Ur importante é o fato de que a mesma oferece aos estudiosos modernos uma janela para dentro das ideias mesopotâmicas sobre a vida após a morte, que são desconhecidas. Na verdade, a necrópole de Ur não possui equivalente em nenhum outro lugar da Mesopotâmia (Woolley 1982, 87), que é uma região e coleção de culturas que muitos veem como desprovida de qualquer crença na vida após a morte. Não há textos de rituais religiosos mesopotâmicos, de nenhum período ou cultura da região, que se refira ao pós-vida ou à passagem para um outro estado espiritual, ao passo em que há inúmeros textos egípcios sobre estes temas, datados do mesmo período de tempo. O mais próximo que qualquer texto escrito mesopotâmico chega a uma articulação com a vida após a morte pode ser encontrado na *Epopéia de Gilgamesh*, mas este texto é um mito e não um ritual ou guia para um alcançar o pós-vida (Sandars 1972, 30). Dito isto, a *Epopéia* adota a postura de que a imortalidade não é para os mortais, quando os deuses dizem a Gilgamesh que “a vida eterna não é o seu destino” (Sandars 1972, 70). Todos estes fatos, portanto, tornam a necrópole de Ur muito mais importante e misteriosa.

Os sepultamentos em Ur abrangeram um período de mais de dois mil anos, desde o Período Dinástico Inicial até possivelmente o tempo de Alexandre, o Grande (aprox. 330 a.C.), quando Ur foi finalmente abandonada (Porada 1960, 228). Woolley limpou aproximadamente duas mil sepulturas, das quais ele identificou dezesseis como sendo de governantes ou membros da nobreza de Ur (Woolley 1982, 54). A maioria dos túmulos era similar e consistia de um eixo retangular que possuía entre um e três metros de profundidade, onde o falecido era colocado envolto em tapete ou dentro de um caixão (Woolley

1982, 54). Havia uma variedade de materiais que constituía os caixões, incluindo madeira, cestaria e mesmo argila (Woolley 1982, 54). Embora a maioria das sepulturas não se compare, em termos de sofisticação, àquelas do Egito, o fato de que as mesmas existiam parece apontar a direção a uma crença na vida após a morte, porém Woolley destacou que nada nunca fora descoberto nos túmulos que pudesse corroborar com tal opinião. Por exemplo, não havia símbolos religiosos ou ornamentos nas sepulturas, nem mesmo itens de luxo ali eram depositados – o que se esperaria levar em uma jornada para a próxima vida (Woolley 1982, 55). Dito isto, havia dois aspectos das sepulturas de Ur que parecem apontar convincentemente para uma crença na vida após a morte.

O primeiro aspecto das sepulturas de Ur que parece apontar para uma crença mais bem desenvolvida no pós-vida são as formas elaboradas em que algumas tumbas foram construídas. Muitas delas foram feitas de pedra ou queimadas em tijolos. Embora muitas das tumbas consistam em uma única câmara, algumas delas, presumivelmente feitas para os nobres, eram compostas de diversos cômodos (Woolley 1982, 60). Pode-se usar, mais uma vez, o Egito Antigo como um corolário para compreender a relação das tumbas com a crença na vida após a morte. Geralmente falando, no Egito Antigo, quanto maior a tumba, maior a importância do indivíduo, uma vez em que ele/ela não necessitaria do espaço apenas para seu corpo, mas também como casa dos itens luxuosos necessários para a vida após a morte. Apesar de haver algumas similaridades no tamanho das tumbas de Ur com as do Egito, elas se restringem a este tópico, pois nenhuma tumba de Ur possuía inscrições em suas paredes, pouquíssimos itens luxuosos foram encontrados nas mesmas, e não existem sinais que os cidadãos de Ur praticassem mumificação. Arqueólogos detêm esta informação pelo número de restos mortais encontrados nas tumbas, que guiam ao seu segundo aspecto que pode fornecer maiores detalhes sobre as crenças do povo de Ur na vida após a morte.

Talvez o mais fascinante – e, no entanto, macabro – aspecto da necrópole de Ur seja a existência de sacrifício humano. Em suas escavações, Woolley descobriu um excesso de restos mortais em algumas tumbas, o que ele atribuiu a alguma espécie de ritual de sacrifício pelo qual os nobres levariam seus servos com eles após a morte (Woolley 1982, 60). Woolley destacou que o número de servos sacrificados variava de tumba em tumba – de meia dúzia

a oitenta – e que sua existência, juntamente com o reenchimento do túmulo, era um indicativo de um elaborado ritual religioso (Woolley 1982, 60). Não há evidências de que crianças eram sacrificadas, ou que esposas acompanhavam seus maridos falecidos como no antigo ritual indiano de *sati* (Woolley 1982, 90). A maioria das vítimas sacrificadas parece ter sido composta de servas domésticas, no caso de mulheres, ou de guardas armados, quando homens puderam ser identificados (Woolley 1982, 91). Alguns itens, como liras ou harpas, foram descobertos nas tumbas; no entanto, como mencionado acima, as tumbas de Ur eram um tanto inóspitas em comparação a seus contemporâneos egípcios. Já que as tumbas mencionadas pertenciam a nobres, a falta de riqueza material não pode ser destacada como razão para a natureza austera das mesmas. É claro que o roubo nas sepulturas, o que era muito comum no Egito Antigo, pode ser um fato que explique as acomodações espartanas nas tumbas de Ur; porém, a menos que mais informações sejam reveladas no que diz respeito a tais questões, isto é pura conjectura. Uma das tumbas de Ur mais bem preservadas pertencia à uma mulher conhecida como a rainha Puabi.

Dentre todos os túmulos sem nome da necrópole de Ur, um se destaca, pois, sua dona foi identificada através de alguns itens recuperados. A tumba, nomeada pelos arqueólogos de Tumba PG 800, pertencia a uma mulher identificada como rainha Puabi, que viveu no terceiro milênio a.C. (Miller 2013, 127). O nome da rainha é conhecido a partir de três selos inscritos descobertos na câmara que levava seu nome juntamente com o título sumério *nin*, normalmente considerado o equivalente feminino de *lugal*, usado em Ur durante o período para denotar senhorio (Woolley 1982, 88-89). Outros nomes foram descobertos na sepultura da rainha, bem como outra tumba real em Ur, mas estes indivíduos em particular não puderam ser definitivamente identificados (Woolley 1982, 89). A tumba da rainha Puabi oferece aos estudiosos modernos uma infinidade de evidências arqueológicas, mas pouco ajuda a resolver o problema das visões mesopotâmicas sobre a vida após a morte – no entanto, talvez o que não é dito nas tumbas de Ur possa revelar mais do que o que é dito.

A existência da escrita nas tumbas de Ur era na verdade bastante rara, como mencionado acima; não há inscrições em nenhuma parede das tumbas, mas esta ausência pode ser considerada em seu contexto histórico. Em termos gerais, no decorrer da história, mitos foram transmitidos oralmente por

séculos antes de serem registrados em escrita (Vansina 1985, 118). No caso de Ur e da Mesopotâmia em geral, o maior exemplo de mito é, obviamente, a *Epopéia de Gilgamesh*, a qual se acredita ter sido o primeiro registro escrito do terceiro milênio a.C. (Sandars 1972, 7), ou em torno do tempo da rainha Puabi. Pode ser que a escrita em Ur, em termos de mito e ritual, não tenha avançado o suficiente para chegar às tumbas. Dito isto, deve-se salientar que mitos e rituais religiosos não eram necessariamente inclusivos no Antigo Oriente, embora tenha havido uma considerável sobreposição que pode ser vista em antigos rituais egípcios relativos à transição para a vida após a morte que possuía corolários no mito. No caso da antiga Ur, a *Epopéia de Gilgamesh* fornece aos estudiosos modernos o melhor exemplo da mitologia inicial, mas, como supracitado, falta em ritual e parece apontar contra uma crença mesopotâmica na vida após a morte. Também precisa ser afirmado que nenhuma cópia de *Gilgamesh* foi descoberta em qualquer tumba de Ur, o que mais uma vez, se presente, poderia indicar a crença na vida após a morte. Embora *Gilgamesh* e outros mitos sumérios se encontrem claramente no âmbito do mito e não do ritual, alguns estudiosos acreditam que uma investigação mais aprofundada pode ajudar a lançar mais luz sobre o significado teológico da necrópole de Ur.

Uma passagem em particular de *Gilgamesh*, onde o amigo de Gilgamesh, Enkidu, tem uma visão sobre a vida após a morte, oferece um possível vislumbre sobre o que os donos das tumbas de Ur esperavam no pós-vida. A passagem diz, “Ali fica a casa onde as pessoas sentam-se no escuro, onde o pó é sua comida e o barro sua carne. Elas se vestem como os pássaros, tendo as asas como traje; elas não veem a luz e sentam-se na escuridão. Eu entrei na casa do pó e vi os reis da terra, suas coroas guardadas para sempre; vi tiranos e príncipes, todos aqueles que outrora usavam coroas reais e governavam o mundo. Aqueles que no passado haviam ocupado o lugar de deuses como Anu e Enlil agora trabalhavam como servos, buscando carne assada na casa do pó e carregando carne cozida e água fria tirada do odre. Na casa do pó em que entrei estavam os altos sacerdotes e os acólitos, os sacerdotes do êxtase e do encantamento; lá se encontravam os servidores do templo e Etana, o rei de Kish, a quem outrora a águia carregou para o céu. Também vi Samuqan, o deus do gado, e Ereshkigal, a Rainha do Mundo Inferior; e, agachada em frente a ela, Belit-Sheri, escriba dos deuses e guardiã do livro da morte. Ela estava lendo uma tábua que tinha em suas mãos. Ela levantou a cabeça e me falou: ‘Quem trouxe este aqui?’ ” (Sandars 1971, 92).

O Mundo Inferior mesopotâmico não soa como um lugar convidativo; sua descrição como um lugar sujo e escuro soa muito mais como um túmulo, o que não pode ser coincidência. A necrópole de Ur foi certamente uma importante descoberta cujos segredos ainda podem ser revelados em alguma data futura, mas infelizmente, por enquanto, os estudiosos estão em um impasse no que diz respeito à sua importância ritual e teológica. Escavações em Ur também revelaram outra importante instituição religiosa que, felizmente, é mais conhecida.

No Antigo Oriente, a religião era um assunto complexo onde centenas ou mesmo milhares de deuses e deusas eram reconhecidos e adorados por qualquer grupo de pessoas. Muitas dessas divindades tinham poucos seguidores, mas os mais importantes eram assistidos por sacerdotes e sacerdotisas que às vezes acumulavam grande poder. Em Ur, a mais importante de todas as divindades era o par divino Nana e Ningal. Nana era o deus sumério da Lua, que mais tarde ficaria conhecido por seu nome semítico Sin, e sua cônjuge divina era Ningal. De acordo com a mitologia suméria, seu mais notável filho era o deus do sol Utu, comumente conhecido pelo nome semítico Shamash, que se casou com a deusa mesopotâmica do amor e da Guerra, Ishtar (Sandars 1972, 122-24). Desde que Nana e Ningal ocuparam a posição primordial na vida espiritual de Ur, o grande complexo do templo da cidade foi dedicado ao par, e junto com ele um seguimento leal de padres e sacerdotisas.

A palavra suméria para os padres da dinastia de Ur III era *en*, e o equivalente para as sacerdotisas, *entu*. Evidências, na forma de documentos administrativos, revelam que os padres *en* exerciam um grande poder político e econômico não só em Ur, mas em todo o sul da Mesopotâmia (Sharlach 2007, 70). As sacerdotisas *entu* também exerciam tanto, senão mais poder, e eram bastante influentes na vida religiosa de Ur durante a Terceira Dinastia. Uma vez que a religião era interligada com todos os aspectos da vida na antiga Mesopotâmia, qualquer pessoa com uma posição religiosa importante possuía grande influência em Ur. Na verdade, as sacerdotisas *entu* eram vistas como tão importantes para a integridade cultural da cidade, que as dinastias subsequentes que governaram Ur continuaram a patronar a instituição religiosa, como será demonstrado abaixo.

A sacerdotisa *entu* de Ur vivia em uma seção especial do complexo do templo Nana-Ningal, chamado de *giparu*. Embora as sacerdotisas vivessem

no *giparu*, não tinham uma vida de clausura e evidências mostram que elas participavam da vida cotidiana de Ur como qualquer outro habitante (Sharlach 2007, 70). Além de acomodar as sacerdotisas, o *giparu* também era um local onde as mulheres realizavam os rituais cotidianos associados ao culto (Weadock 1975, 101). A mulher que era apontada como a líder sacerdotisa, ou *entu*, gozava de imenso poder enquanto detentora do título, mas também tinha muitas responsabilidades a desempenhar, como as funções diárias acima mencionadas e, em certa medida, a vontade política da pessoa que a nomeou. As sacerdotisas do *giparu* eram particularmente escolhidas para o importante papel e deveriam ser de sangue real, o que, durante Ur III, significava que deveriam ser filhas ou irmãs do rei (Weadock 1975, 101). Realizar os rituais diários era importante, mas o verdadeiro valor teológico das sacerdotisas no *giparu* de Ur era mais simbólico; as mulheres eram vistas e acreditadas como sendo as esposas do deus Nana e, portanto, preenchiam o papel temporal como Ningal (Weadock 1975, 101). O uso das sacerdotisas femininas como intermediárias para um casamento divino não era desconhecido no Antigo Oriente – os egípcios antigos possuíam uma instituição religiosa similar ao *giparu* conhecida como Divina Esposa de Amon – mas as mulheres do *giparu* de Ur são os mais antigos casos do mundo. As sacerdotisas do *giparu* geralmente faziam seu trabalho longe dos olhos do público (1975, 103). Após a Terceira Dinastia de Ur, durante a conhecida Primeira Dinastia Isin (aprox. 2017-1739 a.C.), até a Dinastia Larsa (aprox. 1793-1763 a.C.), um sub-culto desenvolveu-se dentro do complexo Nana-Ningal, onde as falecidas *entus* eram adoradas (Weadock 1975, 104). O *giparu* e as sacerdotisas que lá viviam eram verdadeiramente parte integral da vida religiosa de Ur, mas elas também desempenhavam um papel econômico e político na cidade.

Escavações arqueológicas em Ur revelaram que a real construção do *giparu* passou diversas vezes por um processo – começando tão cedo quanto o Período Dinástico Inicial e continuando até o Período Neobabilônico – onde a estrutura foi criada, destruída e reconstruída (Weadock 1975, 101). O fato de que foi dada tanta atenção à construção e seu culto, em diferentes períodos de tempos e por diferentes dinastias, indica que o mesmo servira como um importante ponto focal político tão importante quanto o religioso. Embora alguma forma do *giparu* possa ter existido em Ur tão primitiva quanto o Período Dinástico Inicial, foi durante a Terceira Dinastia de Ur que ele adquiriu seu verdadeiro poder político. Durante o reinado de Ur-Nammu, foi

adicionado um edifício, ou talvez tenha sido construído um inteiramente novo, e foi nos reinados de seus sucessores que a patronagem do culto adquiriu significância política (Weadock 1975, 107). Dentre as maneiras pelas quais as sacerdotisas eram capazes de exercer seu poder, estava o poder através das vastas propriedades pertencentes a Nana e Ningal – dentre elas, o *giparu* (Weadock 1975, 103). No Antigo Oriente, a maior parte da terra era pertencente ao rei ou aos vários deuses e deuses de um reinado em particular, e já que as divindades não podiam fisicamente coletar impostos e pagamentos dos habitantes por usarem suas terras, os padres e sacerdotisas de seus cultos o faziam. Uma vez que os cultos de Nana e Ningal eram os mais importantes de Ur, este era o mais rico. A influência que emanava do *giparu* de Ur durou centenas de anos, mas não o fez sem interrupções. O trabalho arqueológico feito no edifício revelou que o mesmo sofreu um revés particularmente custoso e destrutivo quando os elamitas atacaram e saquearam Ur, o que pôs fim à Terceira Dinastia de Ur (Weadock 1975, 107).

Capítulo 6: O Fim de Ur III e a Destruição Temporária da Cidade

Por mais forte que fosse o estado de Ur III, o mesmo não era bem-sucedido em suas tentativas de aplacar outros povos ao leste da Mesopotâmia. Em particular, um grupo de indivíduos chamados elamitas irrompeu na Mesopotâmia; mais tarde, os elamitas seriam os responsáveis por construir seus próprios reinados repletos de trabalhos impressionantes de arte e arquitetura, porém em torno de 2.000 a.C. eles estavam puramente interessados em pilhagens. Além da evidência arqueológica que mostra o grande nível de destruição de Ur concorrente ao fim do estado de Ur III, diversos textos cuneiformes foram compilados em datas posteriores que lamentavam a destruição de Ur. Um dos textos mais conhecidos diz, “Sua cidade justa, que foi destruída – amargo é o seu lamento. Sua Ur que foi destruída – amargo é o seu lamento. Eles lamentam o que é amargo – Ó cidade, prepara o teu lamento... os subarianos e os elamitas, os destruidores transformaram-na em trinta siclos. A casa justa eles quebram com a picareta; as pessoas gemem. A cidade eles transformam em ruínas; as pessoas gemem. Sua senhora chora: ‘Ai de minha cidade’, chora: ‘Ai de minha casa.’ Quanto a mim, a mulher, minha cidade foi destruída, minha casa também foi destruída; Ó Nana, Ur foi destruída, seu povo foi dispersado.” (Pritchard 1992, 455-461).

Em termos de historiografia, o texto é importante porque coloca a maior parte da culpa pela destruição de Ur nas mãos dos elamitas, que na verdade eram governados por um reino chamado Shimashki, que se refere, no texto, aos subarianos (Van de Mieroop, 2007, 83). O texto também é importante arqueologicamente, enquanto corrobora a destruição descoberta em Ur na forma de camadas de queimaduras, e também teologicamente. As implicações teológicas da destruição de Ur serão consideradas abaixo, mas as causas que guiaram ao seu declínio também devem ser levadas em consideração.

Embora seja atribuída aos subarianos e elamitas a causa da destruição da cidade de Ur e da dinastia de Ur III, uma série de fatores precipitaram o declínio. A história demonstra que sociedades fortes são sempre capazes de repelir invasores, especialmente quando os mesmos são menos avançados tecnologicamente; portanto, para entender a destruição de Ur, deve-se considerar fatores internos da sociedade de Ur III. Estudiosos modernos apontam que um dos pontos mais fortes de Ur, sua economia, também acabou sendo parte do declínio em certa medida. Por mais eficiente que fosse a economia de Ur III em respeito às províncias periféricas que à Ur pagavam tributos, essas mesmas províncias frequentemente operavam independentes e por vezes com inimigos de Ur (Van de Mieroop 2007, 82). A natureza confederada da economia de Ur III parecia funcionar bem quanto o estado estava forte, mas as partes constituintes que compunham o todo não estavam dispostas a ajudar quando Ur estava ameaçada. Na época do último rei de Ur III, Ibbi-Sin (aprox. 2028-2004 a.C.), muitas das províncias periféricas haviam começado a afirmar sua independência tanto política quanto econômica.

Os problemas políticos de Ur III provavelmente começaram durante a liderança de Shu-Sin (aprox. 2037-2029 a.C.), mas atingiram proporções de crise durante o governo de Ibbi-Sin (Kuhrt 2010, 1:70). Diversas províncias deixaram de pagar seus impostos a Ur e escribas de algumas das cidades mais importantes sob seu controle – Umma, Girsu e Nippur – pararam de datar documentos sob o nome de Ibbi-Sin (Van de Mieroop 2007, 82). Datação e cronologia, no Antigo Oriente, eram feitas de acordo com as listas e anais dos reis, e, assim como a maioria das outras atividades durante o período, estavam interligadas com religião. O rei de Ur era apontado pelos deuses, portanto quando os escribas pararam de usar seu nome para datar

documentos, isto demonstrara que outras cidades da Mesopotâmia começaram a perder respeito pelos líderes políticos de Ur.

Uma carta de correspondência entre dois membros da burocracia de Ur III resume a situação política: “Após teres falado com Ibbi-Sin, meu rei: ‘Isto é o que, Isbi-Erra, seu servo, diz: ‘Foi-me ordenado comprar cevada. A cevada tem o valor de 1 (siclo de prata) por kor de cevada (e) 20 talentos de prata foram providenciados para a compra da cevada. Foram recebidos relatos de que os inimigos Martus (amoritas) entraram em seu território, e eu trouxe 72.000 kors de cevada, toda a cevada, para dentro de Isin. Agora os Martus penetraram completamente na terra da Suméria (e) capturaram todas suas fortalezas. Por causa dos Martus eu não posso entregar a cevada para ser debulhada. Eles são mais fortes do que eu. Eu deveria ser apreendido. Que meu rei tenha preparados 600 barcos de transporte de 120 kors de capacidade Eu assumo (a proteção) do lugar onde os barcos atracam, e assim toda (?) a cevada poderá ser armazenada (e) transportada em sua totalidade. Supondo que deixes a cevada reduzir demais, eu terei cevada trazida a ti. Meu rei, o elamita tornara-se mais amargo em batalha, suas porções de cevada terão em breve terminado, não debes deixar (a força de) teu exército enfraquecer, não debes apressar-te para entrar em uma relação de servo com ele, e não debes correr atrás dele! Cevada por 15 anos: as provisões do palácio e da cidade estão todas em minhas mãos. A guarda de Isian e Nibru, meu rei, estou tomando sobre mim! Que meu rei saiba (disto)! ” (Kuhrt 2010: 1:70-71).

A falta de grão pôs Ibbi-Sin e Ur em uma posição precária, não porque o rei era incapaz de alimentar seu povo, mas porque ele era incapaz de pagar suas tropas para proteger a cidade. O porquê da escassez de grão em Ur neste período é incerto; pode ter-se dado pelos estados periféricos terem afirmado sua independência e se recusado a pagar impostos sobre os grãos, pode ter havido fome ou seca (Van de Mierop 2007, 83), ou mais provavelmente houve uma série de fatores contribuintes. A busca por respostas do porquê do declínio de Ur parece guiar apenas para mais perguntas, porém habitantes posteriores de Ur claramente colocaram a culpa em seus predecessores.

A maior parte dos textos cuneiformes existentes relacionados à destruição de Ur estão repletos de referências teológicas. Na maioria destes textos, é implícito ou afirmado explicitamente que Ur sofrera, pois, seus habitantes falharam em adorar propriamente as divindades sumérias. Um texto diz:

“Que a realeza seja levada da terra,
Que sua face seja dirigida a um solo hostil,
Que de acordo com o comando de An (e)
Enlil, ‘lei e ordem’ deixem de existir –
(Tudo isto aconteceu) após An ter franzido a testa sobre todas as
Terras,
Após Enlil ter dirigido sua face (amigável) ao solo
Inimigo,
Após Nintu ter prostrado suas (próprias) criaturas,
Após Enki ter virado (o curso do) Tigre
(e) Eufrates,
Após Utu ter amaldiçoado as estradas (e rodovias) . . .
An, Enlil, Enki, (e) Ninhursag decretaram (como) seu destino –
O destino por eles decretado não pode ser modificado . . .
Enlil derrubou Elam, o inimigo, da montanha
Ele fez Nanshe, a filha principesca, morar em
Uma cidade estranha,
Ele pôs Ninmar em chamas em (seu) santuário
Gubba,
Sua prata (e) lápis lazuli é levada em grandes barcos . . .
Em Hursagkamma, a casa de Kish, uma mão maligna
Foi colocada. . .
Antes de Enlil um lamento foi feito em sua cidade, o santuário
Nippur . . .
Girsu, a cidade de heróis, foi transformada em um covarde

Lugar . . .

Ó Enki, sua cidade foi amaldiçoada, foi feita

Território inimigo,

Por que nos considera entre aqueles que foram

Deslocados de Eridu . . .

Abaixo, os elamitas, como aqueles que geram

Desgraça, brandem suas armas,

Acima, como palha soprada pelo vento, o

Estepe . . .

Ur, o grande touro selvagem que (anteriormente) avançou

Confiantemente (no combate), foi posto prostrado. ” (Pritchard 1992, 612-19).

Poucos estudiosos argumentariam que os deuses sumérios representaram papel direto no declínio de Ur, mas seria lógico assumir que, juntamente com os outros problemas que Ur experimentara, uma falta geral de sentimento religioso na cidade contribuíra para um mal-estar cultural geral. Uma vez que os habitantes de Ur deixaram de cuidar de sua religião, eles também deixaram de cuidar de seus líderes, governo, e outras tradições culturais, o que eventualmente permitiu que invasores estrangeiros facilmente tomassem a cidade.

Depois que os elamitas invadiram e saquearam Ur, eles capturaram Ibbi-Sin e trouxeram de volta para Elam o infeliz rei. Os elamitas, então, ocuparam Ur por cerca de sete anos até que um rei da cidade de Isin, chamado Ishbi-Erra (aprox. 2017-1985 a.C.) expulsou os intrusos (Van de Mieroop 2007, 84). A Mesopotâmia, então, reverteu a uma situação política muito similar às circunstâncias anteriores à ascensão da dinastia de Ur III – fragmentação e competição de cidades-estado (Kuhrt 2010, 1:74). Dentre as cidades que cresceram em poder durante este período estavam a Babilônia, Marin, Isin e Larsa; Ur sobreviveu, mas seu poder político foi em grande parte eliminado. A era de ouro da hegemonia de Ur sobre a Mesopotâmia se fora, mas sua importância política e cultural continuou a perdurar.

De acordo com a Lista do Rei Sumério, Ishbi-Erra, o rei de Isin que expulsou os elamitas de Ur, iniciou sua carreira política como um oficial abaixo do último rei de Ur III, Ibbi-Sin (Kuhrt 2010, 1:76). Embora Ishbi-Erra tenha governado seu reino de Isin e seja reconhecido por estudiosos modernos como o primeiro rei da Dinastia Isin e, portanto, distinto de Ur III, ele implantou um programa de continuidade cultural que conectara Isin a Ur. Por exemplo, ele manteve muitos dos titulários reais e epípetos usados pelos reis de Ur III, como o “rei dos quatro quadrantes do Universo”, e ele patronou o *giparu* de Ur (Kuhrt 2010, 1:76). Em termos de *giparu*, após Ishbi-Erra ter-se estabelecido como rei de Isin e assumido o controle sobre Ur, ele manteve a filha de Ibbi-Sin como a sacerdotisa *entu* até sua morte, e depois manteve a tradição e colocou sua própria filha na posição (Kuhrt 2010, 1:76). Apesar da patronagem de Ishbi-Erra das instituições religiosas de Ur e seu uso da ideologia real da cidade, reis subsequentes de Isin passaram a ignorar Ur e finalmente a própria Isin foi tomada pela cidade de Larsa. Apesar desta desafortunada virada de acontecimentos, a importância de Ur na Mesopotâmia ainda perduraria.

Capítulo 7: O Ressurgimento de Ur sob os Cassitas e Babilônios

Embora Larsa possa ter sido a vencedora imediata de sua disputa com Isin pelo controle sobre o sul da Mesopotâmia, foi Babilônia que, ao fim, levou para casa todos os méritos. Sob o que intelectuais modernos se referem como a Primeira Dinastia da Babilônia, também por vezes conhecida como a Dinastia Amorita, Babilônia tornou-se uma cidade de classe mundial sob o comando de governantes como Hammurabi (aprox. 1792-1750 a.C.), conhecido por sua violenta conquista da maior parte da Mesopotâmia, e por seu código de lei epónimo (Van de Mieroop 2007, 111-15). Os grandes reis da Babilônia dedicaram a maioria de suas atividades de construção em sua própria cidade, e assim Ur fora mais uma vez relegada ao remanso, o que ainda foi agravado quando a Mesopotâmia entrou em uma “idade das trevas”, em torno de 1590 a.C., que durou aproximadamente 100 anos (Van de Mieroop 2007, 122-23). Durante da Idade das Trevas da Mesopotâmia, Babilônia sofreu um dano extensivo, mas quando a fumaça finalmente desapareceu, foi governada por uma nova dinastia conhecida como os Cassitas, que deram continuidade a muitas tradições mesopotâmicas, o que incluiu um interesse renovado em Ur.

A história da Mesopotâmia deu-se pela competição de cidades e dinastias, as quais, evidenciadas pela destruição de Ur nas mãos dos elamitas, eram frequentemente violentas. Disto isto, as numerosas etnias mesopotâmicas frequentemente adoravam as mesmas divindades, e, portanto, o respeito e a observância das instituições e templos religiosos de uma cidade eram geralmente dados pelos reis conquistadores. Templos destruídos eram reconstruídos, e aqueles que não tivessem sido arruinados, normalmente ganhavam adições. Quando os cassitas tomaram o controle da Babilônia, eles fizeram grandes esforços para retratarem-se como governantes babilônios legítimos, realizando feitos como devolver a estátua do deus Marduk a seu templo na cidade (Kuhrt 2010, 1:338) e usando as línguas suméria e acadiana em documentos religiosos e administrativos (Kuhrt 2010, 1:339). Os cassitas também se interessaram pelas instituições religiosas de Ur.

Por volta do ano 1400 a.C., o rei cassita-babilônio Kurigalzu I embarcou em um programa para reconstruir diversos santuários religiosos de Ur (Weadock 1975, 111). A razão precisa deste programa permanece desconhecida pela falta de fontes escritas que detalham o trabalho, porém esta seguiria os esforços de legitimação política que outros cassitas empreenderam na Babilônia. O aspecto interessante dos esforços de Kurigalzu em Ur, no entanto, é que os projetos pareceram apresentar um caráter mais secular (Clayden 1995, 63). Em particular, o *giparu*, que representara papel tão importante na dinastia de Ur III, fora mantido como uma área residencial, mas não mais como parte do Templo Ningal (Clayden 1995, 63). O Templo Ningal foi movido para o terraço do zigurate, distante do *giparu*, o que indica um enfraquecimento do poder das sacerdotisas *entu*, mas não necessariamente de Ur em si. Após o restabelecimento do Templo Ningal pelos reis cassitas, dinastias subsequentes pouco fizeram para manter o templo e patronar seus cultos, portanto o complexo do templo entrou em decaída e a função das *entu* desapareceu até o século VII a.C. (Clayden 1995, 63).

Um dos aspectos mais impressionantes sobre os cassitas foi sua habilidade de prolongar seu reinado sobre a Mesopotâmia, perdurando de tal forma que nenhuma outra dinastia antes fora capaz de fazer. Os cassitas governaram a região de aproximadamente 1530 a 1155 a.C., o que certamente os colocou dentre as mais longas dinastias governantes do Antigo Oriente (Kuhrt 2010, 1:335). O período do controle cassita sobre Ur findou-se quando os reis da

Babilônia disputaram com os do Egito, Hati e Assíria pelo controle de seus vizinhos menores. As grandes potências geralmente evitavam conflitos diretos entre si e, ao invés disso, preferiam a diplomacia para resolver suas diferenças (Kuhrt 2010, 1:339), mas por volta do século XII a.C. os assírios haviam se tornado a potência dominante na Mesopotâmia. Os guerreiros assírios destruíram e conquistaram diversas cidades do Antigo Oriente, e Ur, que era antiga quando eles chegaram ao poder, era geralmente uma parte de seus planos imperiais.

Capítulo 8: Os Assírios e Ur

Embora Ur fosse localizada longe da Assíria, que ficava ao norte das nascentes do Rio Tigre, era ainda uma importante cidade simbólica na Mesopotâmia quando os assírios começaram sua conquista no século XII a.C. Apesar de serem particularmente um povo guerreador, os assírios também eram um tanto letrados e adeptos da escrita histórica. Foi durante o governo do rei assírio Tiglate-Pileser I (aprox. 1114-1076 a.C.) que os assírios começaram a registrar suas operações militares, caças reais e programas de construção em detalhados anais cronológicos (Van de Mieroop 2007, 180). O panorama dos anais era teológico por natureza, já que deveriam ser cartas dos reis aos deuses (Speiser 1983, 66), mas deles pode-se obter muitas informações geográficas e históricas, se puder ser discernido o mito da história. Dito isto, quando Tiglate-Pileser I começou a registrar suas obras históricas para seus deuses, a cidade de Ur foi listada como uma das que estavam sob seu controle. Os anais dizem: “Arpadda, Haurâni . . . —ta —, Dinanu, [Kaprabî,] cidades de Bit-Adinia, Ta—ri . . . Hrumu, Anlama —, Urrus, Ur. ” (Luckenbill, 1:294). A referência demonstra que, embora Ur tenha sido uma vez relegada a um status de remanso, ela ainda mantinha um pouco de seu esplendor, pelo menos o suficiente para que o poderoso rei assírio a mencionasse dentre suas conquistas.

Ur apareceu mais proeminente nos anais dos reis assírios posteriores e também nos programas de construção. Sargão II (721-705 a.C.) mencionou Ur em diferentes anais como uma das cidades que ele “reestabelecera” devolvendo suas estátuas de culto – referidas simplesmente como “deuses” nos textos – que haviam sido tiradas por conquistadores anteriores. O texto diz, “Os povos de Sippar, Nippur, Babilônia, Borsippa, que foram aprisionados em si não por sua culpa, - Eu quebrei seus laços e lhes fiz

contemplar a luz (do dia). Seus campos, que desde os dias antigos, durante a anarquia da terra, os sutus haviam tomado, eu devolvi a eles. Os sutus, povo do deserto, eu os cortei com a espada. Suas fronteiras, que haviam sido invadidas, eu restabeleci seus antigos limites. A independência de Ur, Erech, Eridu, Larsa, Kisik e Nimid-Laguda, eu restabeleci, e trouxe de volta às cidades seus deuses capturados. Seus rendimentos, que haviam estagnado, eu restaurei.” (Luckenbill, 2:20-1).

Outro anal do reinado de Sargão II também lista Ur como uma das cidades do Império Assírio, mas observa que o rei assírio precisou “acalmar” seu povo, o que aponta a existência de uma rebelião. O texto diz, “Eu realizei a reabilitação de Sippar, Nippur, Babilônia e Borsippa, eu tornei boas as perdas de clientes, todos os que havia, e remeti os tributos de Der, Ur, Uruk, Eridu, Larsa, Kullab, Kissik, e Nimid-Laguda, eu acalmei seu povo. A liberdade de Assur e Harã, que em dias distantes havia sido negligenciada, e sua clientela, que havia cessado, eu restaurei.” (Luckenbill, 2:101).

A rebelião inferida no texto é mais tarde corroborada por um texto do reinado do rei assírio Senaqueribe (704-681 a.C.). Senaqueribe deu continuidade ao mesmo programa violento de conquista feito por Sargão II, mas os anais que o rei deixou para trás são mais reveladores quanto à situação política. Um anal em especial, do reinado de Senaqueribe, detalha uma guerra que ele lutara contra o rei da Babilônia e seus aliados, dentre os quais estava Ur. O anal dizia, “No início de meu reinado, quando eu solenemente tomei meu lugar no trono, e governei os habitantes da Assíria com misericórdia e graça, Merodach-Baladan, rei da Babilônia, e instigador da revolta, conspirador da rebelião, agente do mal, cuja culpa é pesada, trouxe para seu lado Shutur-Nahundu, o elamita, e lhe deu ouro, prata e pedras preciosas, e o assegurou como aliado. Imbappa, *turtan* do rei de Elam, Tannânu, o segundo no comando, 10 comandantes (de divisão), junto com Nergal-nâsir, o sultão, que era destemido em batalha, 80.000 arqueiros, . . . Cavalos que estavam com eles, ele enviou para Suméria e Acádia (Babilônia) para sua ajuda. E aquele [Merodach-Baladan], as cidades de . . . Ur, Eridu, Kullab, Kissik, Nimid-Laguda, as terras de Bit-Iakin, Bit-Amukkâni, Bit-Salli, Bit-Dakkuri, todos os caldeus . . . toda a Babilônia, ele reuniu e marchou para a luta” (Luckenbill, 2:128-9).



Representação de Senaqueribe localizado em seu palácio

Embora saiba-se que Senaqueribe foi capaz de reconquistar, com sucesso, a maior parte da Mesopotâmia, não se sabe quais repercussões, se alguma, ele estabeleceu em Ur. Neste ponto, é desconhecido se Senaqueribe ordenou a destruição generalizada de Ur, de acordo com a prática assíria para com os que a eles resistem, mas sabe-se que um de seus sucessores dedicou recursos consideráveis à cidade do sul mesopotâmico.

Os assírios eram conhecidos por serem geralmente cruéis com as cidades e povos que resistiam a eles, frequentemente movendo populações inteiras para os confins mais distantes do império. A remoção forçada de populações resistivas dava-se após o poderoso exército assírio destruir a cidade, ou cidades, em questão, detonando seus edifícios e capturando estátuas de culto de seus deuses e deusas mais importantes. Assurbanípal (668-627 a.C.), um dos últimos reis da dinastia Neo-Assíria, é considerado por muitos hoje em dia como um dos reis que mais empregaram tais práticas brutais, mais amplamente que seus predecessores. Assurbanípal destruiu diversas cidades mesopotâmicas, e outras no Levante e no Egito, o que certamente fez dele o mais prolífero de muitos de seus antepassados em termos de destruição, mas evidências também revelaram que ele demonstrou interesse por Ur.

A maioria das referências que os reis assírios fizeram a Ur dava-se no panorama da conquista ou rebelião, mas Assurbanípal referenciou a antiga cidade em um texto religioso, onde ele buscou agradar seus deuses. O texto diz, “Os grandes deuses em seu concílio decretaram (para mim) um destino favorável, e (me) concederam uma mente receptiva. Eles me fizeram

compreender toda a arte do escriba. Na assembleia de príncipes, [glorificaram] meu nome, tornaram meu governo poderoso. Força, virilidade, enorme poder, me concederam; as terras insubmissas colocaram em minhas mãos. Me fizeram alcançar o sacerdócio [o que eu desejava]. As oferendas que eu trouxe foram agradáveis [aos deuses]. Os santuários dos grandes deuses, meus senhores [eu restaurei] com ouro e [prata]. Colossos, imagens de pássaros da tempestade e poderosas colunas eu ergui por seus portões. [Esharra], Emashmash, o templo da Senhora da terra . . ., [eu tornei esplêndido] como a [‘escrita’ celestial.] A Senhora . . . sobre . . . a terra de Ur. ” (Luckenbill, 2:323-24).

O texto claramente faz referência às melhorias que Assurbanípal realizou em Ur, indicando que a cidade ainda era teologicamente importante no século VII a.C. O trabalho arqueológico feito em Ur por Woolley e posteriormente analisado por outros estudiosos parece corroborar as afirmações de Assurbanípal.

Como mencionado acima, o *giparu* de Ur foi construído, reconstruído, expandido, e movido em diversas ocasiões durante diferentes dinastias. O que o *giparu* e as sacerdotisas *entu* significavam para as diferentes dinastias variava, porém todas elas viram as instituições e divindades Nana e Ningal como importantes pilares teológicos e políticos de Ur. O governante assírio Sin-balassu-iqbi, que serviu sob Assurbanípal, reconstruiu o *giparu* perto de sua localização original por volta de 650 a.C., mas não reinstalou o cargo das sacerdotisas *entu* (Weadock 1975, 112). Não se sabe porque Assurbanípal não reinstalou o cargo, mas pode-se assumir que, uma vez que o rei era tão ativo com as conquistas militares, as quais conduzia pessoalmente, não tivera tempo para instalar uma de suas filhas segundo a tradição. Outra evidência extraída de Ur – que pode ser definitivamente datada da dinastia neo-assíria -, uma grande horda de joias de um tesouro central (Reade 2001, 178), indica que Ur possuía um certo nível de riqueza material e possível influência em períodos posteriores à história da antiga Mesopotâmia. As descobertas do período assírio em Ur demonstram mais uma vez a importância continuada da cidade, e a atividade lá realizada por Assurbanípal era de continuidade com dinastias anteriores, e, uma vez que os assírios foram derrubados em ordem rápida, Ur continuou a impressionar reis e foi habitada por uma considerável população.

Capítulo 9: Ur nos Tempos Antigos Posteriores

Conforme dinastias e povos ascendiam e caíam pelo Antigo Oriente, Ur era uma constante; sofreu destruições nas mãos de invasores e foi negligenciada de tempos em tempos, porém sempre pareceu ressurgir para inspirar uma nova dinastia. Após os assírios terem sido finalmente derrotados no xadrez político e cultural da Mesopotâmia, uma nova dinastia rapidamente entrou para preencher o seu lugar – a dinastia Neobabilônica. Como o nome indica, os neobabilônicos basearam sua dinastia fora da vulnerável cidade da Babilônia, porém eram forasteiros, sendo membros de um grupo étnico semítico conhecido como os caldeus, que migraram para a região em torno da Babilônia no início do primeiro milênio a.C. (Kuhrt 2010, 2:275). O mais conhecido de todos os reis neobabilônicos foi Nabucodonosor II (604-562 a.C.), pelas inúmeras referências a ele no Antigo Testamento, porém o último rei neobabilônico, Nabonido (555-539 a.C.), foi quem dedicou recursos para a preservação de Ur e sua cultura.

O reinado de Nabonido é particularmente bem documentado, pois há uma série de textos existentes que relatam a ascensão e a derradeira queda do rei nas mãos dos persas aquemênidas. De acordo com alguns textos, Ur estava dentre uma série de cidades do sul da Mesopotâmia que haviam caído em ruínas e decadência, as quais o rei causara pessoalmente. O texto dizia, “Mas os cidadãos da Babilônia, Borsippa, Nippur, Ur, Uruk (e) Larsa, os administradores (e) habitantes dos centros urbanos da Babilônia agiram mal, descuidados e ainda pecaram contra seu grande poder divino, não havendo (ainda) experimentado a terrível ira do Crescente Divino, o rei de todos os deuses; eles desconsideraram seus ritos e houve muita conversa irreligiosa e desleal. Eles devoraram uns aos outros como cães, fizeram aparecer doença e fome entre eles. . . por dez anos eu me movi por estas (cidades) e não entrei em minha própria cidade Babilônia.” (Pritchard 1992, 562).



Representação de Nabonido

O texto parece operar em dois diferentes níveis: há o aspecto fórmico do texto, onde os cidadãos de Ur pediram por sua ruína através de sua própria tolice – o que é semelhante aos textos que descreviam a queda da cidade ao fim da Dinastia de Ur III – e há o componente historiográfico que afirma que Nabonido visitou cada uma das cidades do sul da Mesopotâmia. Não se sabe quanto tempo Nabonido ficou em Ur, mas evidências mostram que ele fez pelo menos esforços nominais para consolidar seu poder na cidade.

A manobra política mais notável feita por Nabonido em Ur foi reviver o cargo das *entu*. Como mencionado acima, as sacerdotisas *entu* exerciam poder considerável e, embora o *giparu* tenha sido reconstruído durante o reinado de Assurbanípal, o cargo em si permaneceu vago. Com base na verdadeira tradição religiosa de Ur, Nabonido nomeou sua filha, Ennigaldi-Nana, como a líder sacerdotisa (Weadock 1975, 101), o que sem dúvida deu ao rei olhos e ouvidos em toda a cidade. Na verdade, parece que a reinstalação do cargo da sacerdotisa *entu* feita por Nabonido fora mais uma questão prática do que qualquer profunda veneração à Ur e suas tradições. A

aderência de Nabonido sobre a Mesopotâmia, era, na melhor das hipóteses, tênue – portanto, para colocar firmemente sob sua liderança a ainda poderosa cidade de Ur, ele precisou ganhar controle de uma de suas mais importantes instituições religiosas. Apesar de seus melhores esforços, Nabonido foi derrubado do trono quando o rei persa aquemênida, Cyrus, guiou seu exército para a Babilônia, e embora os aquemênidas dedicassem a maior parte de seus recursos nas maiores cidades de seu império, evidências comprovam que Ur perdeu sob seu governo.

As escavações de Ur revelaram que o último nível arqueológico de residências privadas pode ser datado definitivamente do período persa (Porada 1960, 228). Uma série de moedas também foram descobertas no mesmo nível, o que se acredita ter sido uma oficina de cortadores de selos (Porada 1960, 230). As moedas demonstram que Ur continuou sendo uma residência após os persas conquistarem a Mesopotâmia, mas elas não revelam o quão importante a cidade foi para os mesmos. As moedas mostram uma infinidade de diferentes influências artísticas – gregas, egípcias, babilônias, assírias, e persas – e maioria está datada, o que significa que a data terminal da ocupação de Ur pode ser suposta. Baseado em evidência numismática, juntamente com tabuletas existentes, Ur ficara provavelmente deserta por algum tempo após a conquista de Alexandre o Grande da região, por volta de 331 a.C. (Porada 1960, 228). Depois que Ur fora abandonada, passaram-se mais de dois mil anos até estudiosos e aventureiros redescobrirem a cidade e todas suas glórias. Mas a deserção de Ur e sua descoberta moderna não são o capítulo final da rica história da cidade; mais recentemente, Ur tem-se esforçado e lutado para sobreviver em meio à grande turbulência política.

Capítulo 10: O Esforço Moderno de Ur pela Existência



Imagens de americanos caminhando entre as ruínas de Ur

O capítulo final da longa e vulnerável história de Ur ainda está sendo escrito e, por causa da instabilidade na região, ele prende-se precariamente aos ventos e deve ser determinado pela natureza caprichosa daqueles que

pouco se importam com os antigos mistérios da cidade. Quando Saddam Hussein tomou o controle sobre o Iraque, ele convidou estudiosos de todo o mundo para estudarem e preservarem os monumentos mesopotâmicos do país. Neste respeito, Hussein poderia ser considerado um patrono da história da antiga Mesopotâmia, porém o ditador também trouxe destruição a esses monumentos através da guerra incessante.

Hussein envolveu o Iraque em três guerras extremamente custosas em termos de vidas humanas, infraestrutura, e a talvez pouco conhecida destruição das antiguidades do país. De 1980 a 1988 o Iraque lutou contra com o Irã em uma guerra sangrenta e particularmente brutal. Foi invadido em 1991 pela Operação Tempestade no Deserto, e novamente em 2003, que, é claro, configurou-se como uma guerra muito maior que perdura até os dias de hoje, em certa medida, através da luta contra o Estado Islâmico na parte norte do país. Um dano mínimo foi causado às antiguidades do país durante a guerra Irã-Iraque, porém o maior roubo e saque de peças de museu – muitas das quais vieram de Ur – e ataques indiretos ocorreram em Ur e outros lugares antigos durante as guerras de 1991 e 2003 (Schipper 2005, 251).

A invasão do Iraque por parte da coalizão norte-americana em 1991 pode ter parecido ordenada para aqueles que assistiram aos eventos ao vivo pela CNN, mas os resultados foram um tanto mais caóticos, especialmente em termos das antiguidades iraquianas. A Autoridade de Antiguidades do Iraque estimou que aproximadamente quatro mil itens foram roubados de seus museus (Schipper 2015, 252). Muitas peças saqueadas dos museus acabaram em coleções privadas na Europa e América do Norte, sendo aparentemente “encomendadas” por indivíduos inescrupulosos antes de a invasão começar (Schipper 2005, 252). Durante a invasão, Ur tomou vários acertos de mísseis e tiros; mais notavelmente, o Zigurate de Ur foi atingido diretamente e foi deixado com aproximadamente 400 buracos em sua parede sul (Schipper 2005, 252-2). Também havia cinco grandes crateras de bombas visíveis perto do zigurate, que por um tempo serviu como base militar iraquiana (Schipper 2005, 254). A prática da utilização de um local antigo como base militar não era nova para os iraquianos, que também usaram o local da Babilônia para a mesma função, sendo a mesma posteriormente transformada em um campo norte-americano após a nova invasão ao Iraque em 2003 (Schipper 2005, 255). Felizmente, a necrópole real de Ur permaneceu intocada pelas vicissitudes da guerra, apesar de estar tão exposta quanto o zigurate (Schipper

2005, 261).

Talvez o maior problema enfrentado por Ur durante este tempo tenha sido a falta de estudiosos profissionais que poderiam ter atenuado os danos causados pela guerra. Entre 1991 e 2003, poucos estudiosos não-iraquianos visitaram o país, e aqueles que o fizeram, foram apenas entre os anos de 1999 e 2003 (Schipper 2005, 253). A situação arqueológica no Iraque, em geral e especificamente em Ur, deteriorou após a invasão de 2003 (Schipper 2005, 270). Com o atual governo iraquiano mal sendo capaz de conter o Estado Islâmico no Norte, o futuro arqueológico de Ur permanece no limbo.



Visão aérea moderna de Ur



Ruínas de piso e parede em um dos edifícios de Ur

As Origens Sumérias de Uruk

O severo clima do sul do Iraque não mudou por milhares de anos – mesmo assim, homens e mulheres o habitaram. Prensada entre o Mediterrâneo e o Golfo Pérsico está a região que o historiador grego Polybius chamou de Mesopotâmia – “o país entre dois rios”. Isto refere-se ao trecho de terra entre

o Tigre, a leste, e o Eufrates, a oeste. ^[1]

Ambos Tigre e Eufrates emergem das montanhas da Armênia, alimentados pela neve derretida dos altos planaltos. Os rios caem pelas encostas das montanhas, trazendo consigo toneladas de sedimentos à medida que aceleram o fluxo. Em tempos antigos, o Tigre e o Eufrates passavam por grande parte da Mesopotâmia como um único rio, separando-se a jusante de Nippur. Eles corriam paralelos por mais de dois mil quilômetros antes de se fundirem para formar o canal de Xatalárabe. Os rios tornavam-se mais calmos neste ponto enquanto viajavam através das largas planícies do deserto ao sul. Lá, depositavam solo fértil em seus bancos, em todo o caminho até o Golfo Pérsico. Em cada lado do Xatalárabe, uma paisagem agrícola prosperara. ^[2]

A água não era apenas importante para beber e cultivar; também era vital para o rápido transporte pela região, facilitando o comércio e a comunicação. O Tigre era um rio de fluxo rápido, passando pelas terras altas da Síria antes de ramificar-se em uma série de canais nas planícies mesopotâmicas. Este fora um rio muito difícil de atravessar ao longo da história, com muito poucos pontos, ao norte de Mosul atual, que poderiam ser cruzados com segurança. O Eufrates possuía margens mais baixas, podendo ser usado por navios, e as planícies de inundação em ambos lados do rio eram adequadas para irrigação.

Em um lugar como a Mesopotâmia, que possuía terra para agricultura, mas lhe faltava diversos outros recursos vitais como madeira, pedra e metais, estas redes fluviais tornaram-se os meios preferidos de comércio entre esferas econômicas complementares – porém, as vias navegáveis também podiam ser terríveis adversários. Todos os anos, enchentes de primavera varriam tudo em seus caminhos, levando muitos a se perguntarem o porquê de estabilizar-se em uma área tão vulnerável às forças da natureza.

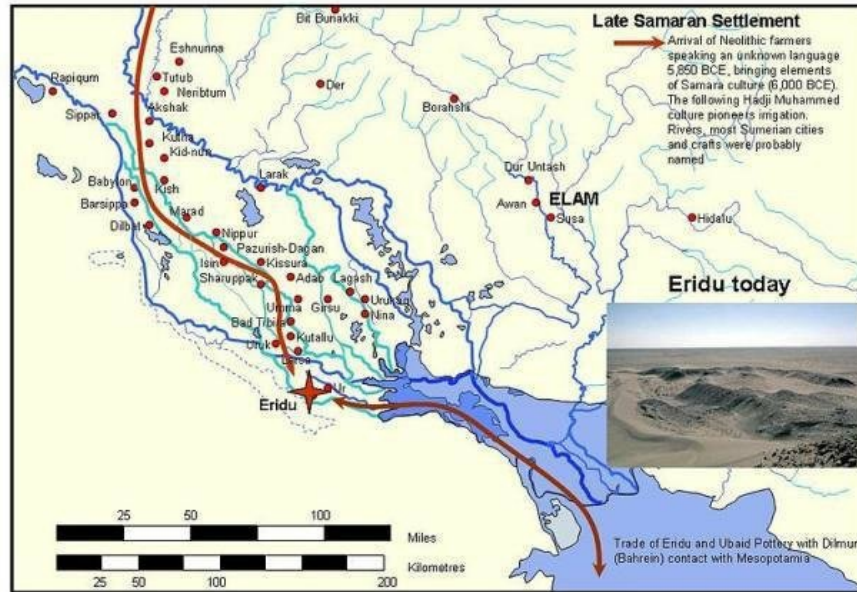
Uma investigação da Antiga Mesopotâmia deve aceitar que as comunidades que lá viviam eram inextricavelmente emaranhadas ao meio ambiente e à paisagem dos quais faziam parte. Havia quatro zonas ecológicas principais no Antigo Oriente. ^[3] Primeiramente estão as cadeias de altas montanhas que enquadravam a Antiga Mesopotâmia, como a antiga e inquietante Cordilheira de Zagros. A mais alta destas montanhas está a entre três e cinco mil metros acima do nível do mar, e várias delas chegam a atingir cerca de 2700 metros, sendo a mais alta Zard-Kuh, com 4206 metros. A maior parte da área era

fortemente arborizada durante o período dos sumérios, com invernos frios e úmidos, e verões quentes. Embora a Cordilheira de Zagros separe as terras da Mesopotâmia das outras terras mais a leste, estas montanhas grandiosas não atuavam como limites absolutos, mas ao contrário, eram zonas de integração e fragmentação.^[4] Ao Norte, contornando as escalas montanhosas da Capadócia e do Cáucaso, encontra-se uma região fértil e bem-irrigada, a terra da antiga Assíria, focada na capital de Ashur; e na região oriental da Cordilheira de Zagros encontra-se a antiga terra de Elam, focada na área conhecida como Khuzistão.

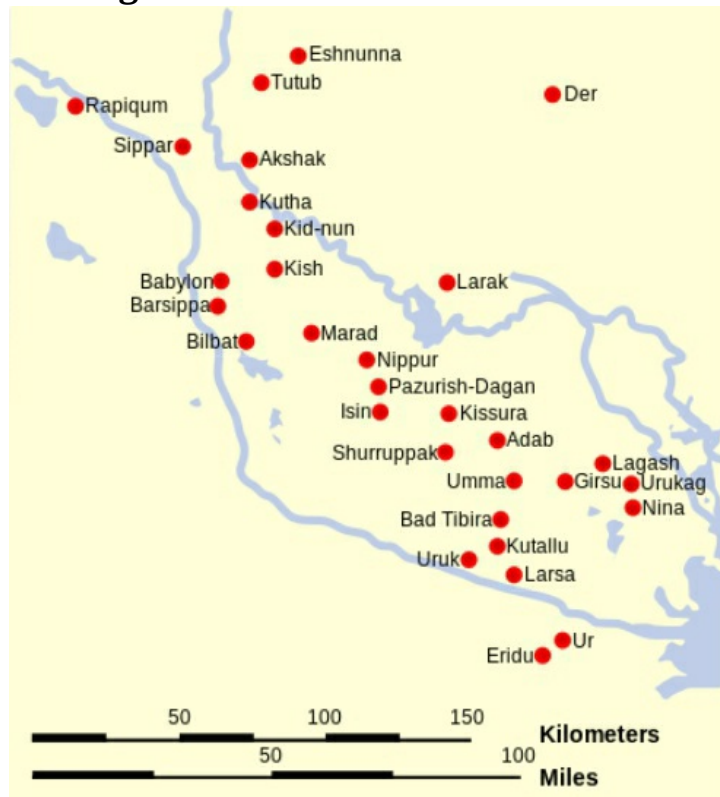
Em seguida, há uma zona de encostas e pradarias, com verões quentes e secos, e invernos temperados, como as áreas em torno do Mediterrâneo Oriental, Anatólia, e o Vale Beqaa do leste do Líbano. Historicamente, o clima e o solo destas regiões permitiram o cultivo de cereais, e foi onde ocorrera a primeira irrigação. Outrossim, há a zona de estepe, com invernos suaves e secos, e verões quentes e secos. Tais extensas pradarias, sem árvores, estendem-se por toda a Eurásia, do Planalto de Anatólia, na atual Turquia, até a China Ocidental. Um grande exemplo desta ecozona pode ser encontrado na área de terra a oeste do Eufrates. Finalmente, há as áreas desertas, com verões muito quentes e invernos suaves, que podiam ser encontradas na Antiga Mesopotâmia. A oeste e sudoeste da Mesopotâmia, encontra-se o grande Deserto da Arábia, separando o Crescente Fértil da Península Arábica.^[5]

A Suméria era localizada ao centro e ao sul da Mesopotâmia, onde o Eufrates e o Tigre correm lado a lado. Nesta área, as colinas baixas e planícies férteis da Mesopotâmia central são seguidas ao sul por uma vasta paisagem de pântanos, selvas e incontáveis riachos e córregos onde o Eufrates e Tigre desembocam no Golfo Pérsico. Apenas barcaças são capazes de chegar ao coração deste labirinto de juncos altos.^[6] Esta era a terra da Suméria, o lar das primeiras cidades da Mesopotâmia.

SUMER, AKKAD AND ELAM



Mapa da região durante a história inicial dos sumérios



Mapa da Suméria

O clima fora um fator importante nas principais revoltas sociopolíticas que

ocorreram na região durante o período de ascensão e queda de Uruk. As variadas ecozonas da Mesopotâmia resultaram em uma diversidade de fauna e flora importante para o surgimento da domesticação e agricultura, e também de recursos para o comércio. Arqueólogos em Anatólia resolveram uma parte do quebra-cabeça sobre a origem dos sumérios e como eles primeiramente decidiram estabilizar-se nas planícies aluviais dos dois rios. Pessoas viviam na encruzilhada de grandes rotas de migração em planaltos férteis de Anatólia, a milhares de quilômetros da Mesopotâmia, desde tempos imemoriais, e muitas das mesmas frutas e vegetais foram comercializados pela região por milhares de anos. Em 1958, arqueólogos descobriram as ruínas de nove mil anos de idade da vila de Çayönü na Turquia.^[7] Três mil e quinhentos anos antes da Suméria, povos se estabilizaram nesta terra fértil. Eles eram uma sociedade desprovida de cerâmica, mas fizeram grandes construções de paredes de tijolos de barro sobre fundações de pedra seca. Ainda mais importante foi o trigo Einkorn encontrado no assentamento, que se acreditava ter crescido selvagem em todas as colinas, e que produzira sementes que poderiam ser plantadas e armazenadas pela comunidade antiga. Este grão poderia formar a dieta básica de uma família inteira e poderia ser armazenado por um longo período de tempo, tornando possível a expansão populacional em larga escala e a fundação de civilizações.^[8] Foi isso que permitiu que as pessoas se estabilizassem em um lugar – percebendo que possuíam um suprimento constante de comida disponível, elas permaneceram onde estavam. Não está claro se esta fora uma “descoberta acidental” ou o resultado da observação e compreensão humana, mas foi assim que a agricultura nasceu.^[9]

Com a propagação da agricultura, as pessoas tornaram-se capazes de armazenar comida por semanas ou até meses, ao invés de dependerem de animais de caça a cada poucos dias. Graças a esses sucessos na agricultura, a população na antiga Mesopotâmia cresceu à medida que os primeiros grupos sedentários começaram a colonizar a terra ao longo das planícies aluviais dos dois rios.

O período de Ubaid (aproximadamente 6500 a 3800 a.C.) recebeu este nome pelo sítio arqueológico Tel al-Ubaid no sul do Iraque, o primeiro assentamento na planície aluvial do sul da Mesopotâmia.^[10] Durante este período, uma série de avanços tecnológicos vitalmente importantes foram feitos pelo povo mesopotâmico, incluindo a adoção da roda e o começo do

período Calcolítico.^[11] Além disso, o período de Ubaid representa a primeira urbanização ocorrida na Mesopotâmia. Essas primeiras paisagens urbanas foram principalmente encontradas em formas de “tel”. “Tel” é o nome dado a uma cidade antiga que fora enterrada pelo tempo, e que nos dias de hoje assemelha-se a um monte composto de camadas empilhadas de arquitetura de tijolos de barro. O tel é quase inteiramente artificial, sua altura sendo o resultado de muitas gerações de pessoas ocupando o local, construindo novas estruturas sobre o que existira antes, e reconstruindo mais uma vez as construções de tijolos de barro degradadas. Isto resulta em locais de enorme profundidade temporal, representados por uma estratigrafia complexa que deve ser cuidadosamente escavada e analisada pelos arqueólogos para criar a linha do tempo do local.

Os sumérios tornaram-se o grupo cultural dominante durante este período. Alimentos irrigados forneciam abastecimento constante, e à medida em que cavavam valas para desviar canais de água do Tigre e do Eufrates para a terra seca, eles transformaram o deserto do sul da Mesopotâmia em um delta fértil. Sua população rapidamente cresceram com o resultante fornecimento abundante de alimentos. A Suméria fora dividida em diversas cidades-estado com cerca de duzentas mil pessoas cada. Cada cidade-estado foi organizada em torno da adoração de uma divindade, cujo lar era o templo.^[12] Zigurates e outras estruturas monumentais foram construídos nestes locais, protegidos por altas e fortificadas muralhas.

Os sumérios inventaram diversas coisas grandiosas, das quais nenhuma foi mais importante do que a roda, usada para transporte, agricultura, e produção de cerâmicas especializadas. Eles estiveram dentre os primeiros a fazer uso da escrita, primeiramente através de pictogramas e posteriormente através da inscrição cuneiforme.

Um dos locais mais proeminentes do sul da Mesopotâmia neste período era Ur, uma imensa cidade, localizada próxima à antiga costa do Golfo Pérsico. Ur era rodeada por quatro mil hectares de campos de cereais, construídos na margem leste do Rio Eufrates. Mais de quarenta mil pessoas – a maioria pescadores e camponeses – moravam no pântano que cercava cidade portuária de Ur, e a cidade em si continha uma população de até trinta e quatro mil pessoas.^[13] Era circundada em todos os lados por um canal que guiava diretamente ao Eufrates, com portos a oeste e ao norte. Típica de

muitas cidades da Mesopotâmia, a cidade de Ur era rodeada por uma muralha de tijolos de barro, dominada pelo palácio e por um grande zigurate devotado ao seu deus principal, Nana, o deus da lua. Feito de tijolos cobertos por alcatrão, o Zigurate de Ur foi construído para perdurar. Foram necessários estimados cinco anos e mil e quinhentos trabalhadores apenas para construir sua base.^[14] A grande estrutura dominava a paisagem, e camponeses a vinte quilômetros de distância ainda podiam ver a casa de seu deus.^[15]



Imagem de M. Lubinski das ruínas de Ur



Imagem de soldados caminhando entre as ruínas de Ur

Muito antes de Alexandria ser uma cidade, e antes mesmo de Mênfis e Babilônia alcançarem grandeza, a antiga cidade mesopotâmica de Ur era primordial entre as cidades do Oriente Próximo. Atualmente, sua grandeza e influência cultural têm sido esquecidas pela maioria das pessoas, parcialmente porque seus monumentos não resistiram ao tempo da forma como os monumentos de outras culturas antigas o fizeram. Por exemplo, os monumentos do Egito foram feitos de pedra, ao passo em que os de Ur e da maioria das cidades da Mesopotâmia foram feitos de tijolos de barro; como será discutido neste artigo, tijolo de barro pode ser um material mais fácil de trabalhar do que pedra – porém, o mesmo também decai mais rapidamente. O mesmo vale, de certa forma, para os documentos escritos que foram produzidos em Ur. O povo da Mesopotâmia, do qual Ur fazia parte, empregava o sistema cuneiforme de escrita; uma vez que a mesma era quase sempre feita em tabuletas de argila, acadêmicos modernos têm de lidar com o lamentável problema de que muitas das tabuletas foram quebradas e tornaram-se ilegíveis ao decorrer dos séculos. Apesar da natureza efêmera de seus monumentos e, em certa medida, de seus textos escritos, Ur provou ser uma inspiração para os sumérios que construíram a cidade e também para culturas e dinastias posteriores que habitaram a Mesopotâmia.

O norte da Mesopotâmia também desenvolveu sua própria cultura local no período posterior de Ubaid, conhecida como a Cultura Gawra, representada

pelo sítio arqueológico de Tepe Gawra. Uma casa redonda descoberta por arqueólogos no início do século XX continha evidências de espaços de armazenamento de grãos e cabeças de mace em forma de pera finamente esculpidas. Uma pequena cabeça de lobo particularmente esplêndida feita de electro (uma liga de ouro e de prata) foi também encontrada neste local, indicando as habilidades artesanais bem desenvolvidas que existiram neste tempo.^[16] Há também evidências de extensas redes de comércio existentes durante este período que conectavam Tepe Gawra com outras cidades-estado ao redor da Mesopotâmia e da Eurásia, como contas de lápis-lazúli encontradas no local, precioso mineral que somente pode ser encontrado na província de Budakhshan no norte do Afeganistão, a mais de dois mil quilômetros de distância.^[17]

Histórias de Origem Contemporânea

A cronologia acima foi revelada através do cuidadoso estudo dos vestígios materiais e provas documentais de arqueólogos e intelectuais. A Lista de Reis Sumérios deste período atua como uma base para o estudo da cronologia da Mesopotâmia. Ela cita os antigos reis da Suméria, a longevidade de seus reinados, e a localização da realeza “oficial”, mas também oferece uma perspectiva inestimável de compreensões contemporâneas de sua própria cronologia.^[18] O registro textual da Mesopotâmia também nos oferece um vislumbre de como os contemporâneos encaravam a história. Muitos desses registros foram recuperados da biblioteca de Nineveh, e George Smith, um londrino do século XIX, que estudou sumério e trabalhou no Museu Britânico, decifrou diversos cilindros e tabuletas cuneiformes e revelou muito sobre as lendas e mitos sumérios.



Smith

Foi Smith o primeiro a descobrir e traduzir a *Epopéia de Gilgamesh*, uma das mais antigas obras escritas da literatura. Muitos aspectos da civilização euroasiática, e do Cristianismo em particular, estão imersos nos mitos do antigo mundo mesopotâmico.^[19]

De acordo com os textos cuneiformes, poderosos deuses andaram pela Terra durante a Era Antediluviana, no tempo antes do Grande Dilúvio. Tornando-se apáticos e cansados de seu trabalho manual, os deuses criaram os humanos para servirem como seus servos e escravos.^[20] Em pouco tempo, os deuses haviam procriado com os humanos e as crianças dessas uniões tornaram-se semideuses, governando a humanidade como deuses-reis por períodos imensamente longos. Alguns desses reis descritos na Lista dos Reis Sumérios governaram por mais de 64 mil anos.^[21]

Após um período de tempo, os seres humanos haviam crescido em número e tornaram-se cada vez mais problemáticos. Os deuses reuniram-se em sua cidade de Shuruppak – um local conhecido como Tel Fara nas margens do Eufrates – onde o deus supremo En-Lil decidiu que a humanidade deveria ser destruída por um grande dilúvio.^[22] Um dos deuses chamado Enki, também

conhecido como Ea, suplicou a En-Lil, mas em vão. Ele decidiu proteger a humanidade, alertando um homem chamado Ziusudra sobre o iminente desastre. Ziusudra construiu uma arca, enchendo suas preensões com metais preciosos, sementes de grãos e animais. Ele conseguiu levar sua família a bordo antes que o deus do trovão, Adad, liberasse o dilúvio sobre a Terra. Após seis dias e noites de tempestade, o mundo fora submerso, mas no sétimo dia, a tempestade diminuiu.



Parte da *Epopéia* descrevendo o dilúvio



**Imagem de Osama Shukir Muhammed Amin de outra tabuleta da
*Epopéia***

Após o dilúvio, os deuses perceberam que suas ações haviam sido precipitadas, já que fora o trabalho e adoração dos humanos que possibilitara às divindades viverem suas vidas de lazer. No sétimo dia, Ziusudra libertou uma pomba que, não encontrando nenhum lugar de repouso, retornou à ele. No oitavo dia, ele libertou um corvo que nunca retornou, significando que havia encontrado terra seca, e que a humanidade estava salva. Os deuses ficaram encantados ao descobrir que Ziusudra sobrevivera ao dilúvio e o tornaram um semideus imortal. Os filhos de Ziusudra retornaram à Suméria, e com o tempo, começaram a procriar e multiplicar-se mais uma vez.^[23]

No entanto, pouco mudou em relação às maneiras sem lei do povo, até que um sábio mítico, conhecido como Adapta, veio à Suméria e os ensinou sobre as artes, ciências, escrita, e outros aspectos de civilização. Os humanos aprenderam como construir cidades, templos e outras estruturas monumentais, aprenderam a compilar e fazer cumprir leis, e dominar as

ciências, geometria e matemática. Durante este tempo, Eridu, a Primeira Cidade do deus Enki, foi fundada sob a orientação de Adapa, que tornou-se o primeiro rei-sacerdote da cidade.^[24]

Logo depois, Adapa retornou ao mar, mas seis outros sábios como ele apareceram e habitaram em Eridu, ensinando aos humanos a sabedoria e ciências iniciais, que haviam sido perdidas no dilúvio.^[25] Após Eridu, uma série de outras cidades-estado foram fundadas na terra da Suméria, incluindo Kish, Larsa, Nippur, Sippar, Ur e Uruk.

As Fundações de uma Cidade Primitiva

Extensas pesquisas regionais realizadas por arqueólogos na década de 1960 revelaram Uruk, a maior cidade da Mesopotâmia, datada entre o quarto e o terceiro milênio a.C., localizada a aproximadamente 100 quilômetros a noroeste de Ur. Uruk foi ocupada por mais de cinco mil anos (desde o início período Ubaid até o século III d.C.), e no terceiro milênio a.C., a cidade se expandiu em uma área de aproximadamente quatro mil hectares.^[26]

Arqueólogos definem uma “cidade” no contexto da antiga Mesopotâmia como uma paisagem construída. Por meio de inferências e comparações com estados modernos, uma cidade bem-sucedida da antiga Mesopotâmia é dita ter as seguintes características:^[27] conter evidências de uma sociedade estratificada e hierárquica, com uma autoridade centralizada, simultaneamente dependente da acumulação de recursos pela população, e da supressão de seus concorrentes; ter uma vasta área de interior para abastecer a população urbana com alimentos, e sistemas de comércio estabelecidos em função da aquisição de recursos não disponíveis localmente; e exibir evidências de ofícios especializados e, frequentemente, padronizados, bem como declarações monumentais de planejamento centralizado e esforço comunal (se não consensual). A antiga e magnífica cidade de Uruk apresentava todas as características apresentadas.

Assim como outras cidades-estado mesopotâmicas, Uruk consistia da cidade em si e de um vasto interior, rodeando-a por todos os lados. Este continha terra arável cheia de correntes e canais de irrigação, além de uma série de cidades-satélites e assentamentos menores. A subsistência na região dependia da agricultura de irrigação. Ao contrário das áreas onde as

plantações podiam crescer sem supervisão, com menos de trezentos milímetros de precipitação média anual, a agricultura só poderia ser realizada em torno de Uruk administrando cuidadosamente a irrigação da terra de acordo com um método conhecido como “sharouf”, que ainda é usado nos dias atuais. Tanto o Tigre quanto o Eufrates eram propensos a inundações violentas e imprevisíveis, e transbordavam sobre suas margens. Isto mais do que frequentemente destruía os campos ao invés de reabastecê-los, e o ciclo de inundações e chuvas, plantio e colheita, teria providenciado o âmbito que dominava a vida como um agricultor em Uruk.

O surgimento da construção de monumentos cerimoniais no sul da Mesopotâmia é considerado o ímpeto que desencadeou o desenvolvimento urbano (Kuhrt 2010, 1:25). Acreditava-se que os templos eram a casa da divindade patronal de uma cidade em particular, de modo que bens eram frequentemente recebidos e distribuídos no complexo do templo (Van de Mieroop 2007, 24). No período de Uruk, os templos eram de longe as maiores construções de qualquer cidade, construídos a grande custo de recursos materiais e mão-de-obra (Van de Mieroop 2007, 24). À medida que o tamanho e a importância dos templos cresciam na Suméria durante o período, as técnicas de construção e arquitetura também evoluíam.

Os sumérios desenvolveram o padrão de arquitetura dos templos mesopotâmicos durante o período Ubaid e grupos étnicos subsequentes seguiriam este modelo durante o período helenístico. Uma técnica arquitetônica que os sumérios desenvolveram, usada em todos os períodos posteriores da história da Mesopotâmia, era o uso dos contrafortes e paredes embutidas (Frankfort 1996, 18). A evolução do complexo do templo mesopotâmico finalmente desenvolveu-se para sua expressão final – o zigurate. Começando no período Uruk, o complexo do templo começou a incluir uma torre em uma plataforma, conhecida como um zigurate (Frankfort 1996, 20). O “Templo Branco” em Uruk possuía um zigurate “arcaico” que subia cerca de doze metros acima do solo, o suficiente para dominar a paisagem por quilômetros ao redor (Frankfort 1996, 20). Para os sumérios, o zigurate representava uma montanha em cima da qual se encontrava a morada particular da divindade a qual o templo era dedicado (Frankfort 1996, 21). Em períodos posteriores e mais alfabetizados da história da Mesopotâmia, os nomes dos zigurates foram registrados por escrito, o que indica a importância teológica das estruturas. Por exemplo, o zigurate do deus Enlil era conhecido

como “Lar da Montanha, Montanha da Tempestade, e Elo Entre Céu e Terra” (Frankfort 1996, 22). Os materiais necessários para construir estas grandes estruturas tinham que ser importados de longas distâncias para Uruk, o que indica que a cidade suméria inicial não era apenas um importante centro cultural, mas também um polo político.

Hoje em dia, estudiosos referem-se ao avançado período de Uruk como a “Expansão de Uruk”, pois foi um período no qual a cidade exerceu grande influência não apenas em toda a Mesopotâmia, mas também em regiões vizinhas do Antigo Oriente. Na verdade, argumenta-se que os sumérios deste período criaram o primeiro império do mundo. A expansão da influência de Uruk estava diretamente ligada à sua necessidade de recursos não encontrados no sul da Mesopotâmia, portanto os sumérios monopolizaram as rotas de comércio que traziam *commodities* como pedra, madeira e lápis-lazúli para a Suméria. Embora os sumérios fossem alfabetizados no período de Uruk, os registros ainda são mínimos e as melhores informações arqueológicas sobre o processo de expansão provêm de regiões periféricas – tais como o oeste do Irã, norte da Síria, e sul da Turquia – que foram influenciadas por Uruk (Van de Mieroop 2007, 35).

Ao construírem cidades como Uruk, os mesopotâmicos moldavam o mundo à sua própria imagem. Esta relação pode ser vista em um vaso de alabastro, de mais de um metro de altura, descoberto em Uruk durante escavações em 1933. Conhecido hoje como o Vaso de Warka, as imagens de baixo relevo exibidas no exterior representam a gratidão dos sumérios em relação à natureza. Os grãos e animais são retratados por espigas de trigo e rebanhos de ovelhas.^[28] A imagem também expressa fervor religioso pela representação de uma procissão de homens realizando oferendas enquanto se aproximam do santuário de Inanna – a deusa do céu e da terra.



Imagem de Einsamer Schütze de uma réplica do Vaso de Warka

Os membros da procissão do Vaso de Warka são recebidos pelo sumo-sacerdote vestido em mantos, indicando a estratificação social na cidade.^[29] A sociedade mesopotâmica era organizada de forma altamente hierárquica. No topo estava o rei-sacerdote, que reivindicava autoridade divina sobre seus súditos. Uma classe de elite existia abaixo dele, constituída de nobres, padres, escribas, funcionários burocráticos e guerreiros. Havia também uma grande variedade de comerciantes, mercadores e artesãos na cidade. O restante da população, a grande maioria, eram servos e escravos, encarregados de todo o trabalho manual.^[30]

O vaso é a primeira representação de tal cenário na arte mesopotâmica, e

influenciou cenas semelhantes que foram frequentemente representadas em relevos de palácios reais durante o período neo-assírio. Outro estilo artístico que parece ter sido desenvolvido pelos sumérios durante o período Uruk, que foi replicado séculos mais tarde pelos assírios, foi o tema da caça ao leão real (Kuhrt 2010, 1:23). Em uma estela em particular, que fora alojada no Museu Nacional de Bagdá, um caçador, vestido possivelmente com roupas reais, caça leões com um arco (Frankfort 1996, 33). Pode ser que a cena de caça ao leão de Uruk seja uma comemoração de um projeto de recuperação do pântano (Frankfort 1996, 34), mas o relevo danificado não é acompanhado de qualquer texto, portanto não é certo que a cena deveria representar um evento real ou se pertencia a um contexto religioso ou ritualístico, o que significaria que a cena teria um significado mais simbólico ou metafórico. Seja qual for o propósito, é difícil ignorar uma possível influência suméria nas numerosas cenas de caça ao leão com as quais o rei assírio Assurbanípal (668-627 a.C.) adornou seu palácio, quase dois mil anos e meio depois (Curtis e Reade 1995, 84-89).

Uma Visão Panorâmica de Uruk

Uruk desenvolveu-se em uma série de estágios ao longo do tempo, e a configuração da cidade era muito diferente no quarto milênio a.C. quando comparada ao seu estado sob o domínio acadiano e babilônico. Dando uma visão geral sobre o panorama da cidade, ela poderia ser descrita como uma imensa paisagem urbana, rodeada por quatro mil hectares de campos de cereais, construídos na margem sudoeste do Rio Eufrates. Típico de muitas cidades da Mesopotâmia, a cidade de Uruk era cercada por uma muralha de tijolos de barro, que estima-se ter sido construída sob Gilgamesh, o lendário rei de Uruk. Acredita-se que a área a qual cercava continha uma população de entre cinquenta e oitenta mil pessoas.

Atrás da alta muralha da cidade, havia um casario de ruas estreitas e sinuosas e complexos habitacionais, distribuídos aleatoriamente de acordo com a classe social e profissão dos habitantes. Prédios de três andares disputavam espaço com os de um único andar. Nenhuma das casas era alinhada de acordo com qualquer planta baixa descendente, além daquela providenciada pela incrível rede de canais que atravessavam a paisagem, extraindo água doce do Eufrates. A maioria dos servos e escravos da cidade vivia neste labirinto de edifícios, cujas fachadas não possuíam aberturas além

de portas baixas para o acesso e algumas saídas de ar. Com as frequentes tempestades de poeira na região, espaços com grandes janelas eram inconvenientes, e as pessoas muitas vezes dormiam em seus telhados, que à noite eram muito mais frescos do que as pequenas salas de suas casas.

Desde os tempos mais antigos, a vida cotidiana em Uruk era centrada nos templos nos arredores de Eanna e Anu. Lá, as pessoas rezavam e adoravam, e as decisões políticas e econômicas eram feitas pela elite e pelas classes burocráticas que operavam na cidade. Acredita-se que Uruk tenha se formado originalmente quando dois pequenos assentamentos cresceram a ponto de se conectarem, e os corações destes dois assentamentos tornaram-se os dois templos principais da cidade. Ambos os templos continham o mobiliário padrão de um templo sumério, ou seja, uma mesa de oferendas e um altar para a divindade.^[31] Também localizados dentro da área do templo estavam os bairros dos escribas e padres da cidade.



Imagem de Carmen Ansinsio das ruínas do Templo de Inanna

Uma das melhores paisagens monumentais da cidade localizava-se no distrito de Eanna. Este vasto complexo de templo era composto por uma série de estruturas, grandes edifícios com pátios colunados, vários templos feitos de pedra calcária preciosa dedicados à Inanna, a deusa da fertilidade, e estruturas decoradas com mosaicos de *riemchen*, cones quadrados de tijolos seccionados com cabeças dispostas de forma colorida que tornaram-se tipicamente características da cultura de Uruk.

O outro centro religioso principal da antiga cidade era o distrito de Anu,

que continha o templo de An, deus do céu. O complexo era dominado pelo zigurate, acessado por uma escadaria processional monumental que conduzia ao altar central. Localizado perto do altar estava o então chamado “Templo Branco”, uma estrutura bem preservada (o que é raro para a área) com um salão central cardinalmente orientado e um altar escalonado. Este reluzente templo branco possuía paredes caiadas de branco que cintilariam na brilhante luz do sol iraquiano. Atingindo uma altura de treze metros, o tamanho e complexidade de sua arquitetura são testemunhos do fato de que este edifício fora construído com a intenção de impressionar a população da cidade e do interior, evocando a riqueza do poder daqueles que o tinham encomendado.

[32]

As estruturas da cidade eram quase inteiramente feitas de tijolos de barro, um material facilmente degradável, portanto as antigas estruturas de cada geração anterior eram derrubadas e substituídas por novas construções. O lixo era tanto queimado quanto simplesmente deixado na estrada ao lado de fora das casas. Com o tempo, camadas sobre camadas de lixo da cidade, bem como as antigas estruturas, fizeram com que toda a zona urbana se elevasse acima do nível das planícies. [33]

Os monumentais distritos dos templos também vivenciaram o mesmo padrão de nivelamento pelo que lá estava antes e a subsequente reconstrução de novas estruturas. Estas sucessivas quedas e restaurações tornaram-se parte da psique elitista, à medida que as futuras gerações eram encorajadas, através de inscrições de fundação, a restaurar os nomes inscritos, estelas, e inscrições de argila.

Religião e Poder

As sensibilidades religiosas dos sumérios não são fáceis de serem compreendidas. Arqueólogos encontraram templos, textos cheios de mitos e baixos relevos mostrando rituais, porém os sentimentos numinosos mais profundos e as perspectivas cosmológicas não são bem compreendidas até hoje. Há um óbvio senso de poder divino, e está claro que os sumérios acreditavam que havia forças às quais os humanos deveriam servir, e com as quais eles deveriam chegar a acordos. Sua religião era de servidão e oração, mas através do serviço aos deuses, eles asseguravam que a vida em ambiente hostil funcionasse perfeitamente. [34]

Os deuses suscitavam medo e respeito, simbolizando a desconfiança dos sumérios na natureza. Como nada na Mesopotâmia acontecia sem a intervenção ou consentimento divinos, um império em colapso deveria significar que os sumérios eram culpados de aborrecer os deuses. Centenas de deuses eram adorados em Uruk e em toda a Mesopotâmia, e parecia haver considerável tolerância religiosa, já que os panteões entre esses grupos eram compartilhados e fundidos. O prestígio dos deuses era considerado dependente das fortunas da cidade natal, com cada divindade desempenhando um papel, e cada uma governando uma cidade mesopotâmica. Enlil, deus do ar e da terra, governava sobre a cidade de Nippur. Udu, deus da justiça e da verdade, era adorado em Larsa. Enki, deus da água e do mundo, era adorado em Eridu. Nanna, deus da lua, era a divindade patrona de Ur. Cada nome de cada cidade era derivado do nome de seu deus em sumério clássico: “Urim”. Outras divindades eram adoradas em templos menores pelas cidades.^[35]

Inanna, conhecida pelos babilônios como a deusa da fertilidade Ishtar, pelos gregos como Afrodite, e pelos romanos como Vênus, era adorada em Uruk. Acredita-se que ela inspirava tanto o amor quanto a guerra.

Os governantes consideravam-se os agentes dos deuses. Suas funções incluíam realizar cerimônias para afastar o mal e ganhar a boa vontade de suas divindades, o que ocorria em templos, bosques sagrados e colinas, lugares significativos na paisagem. Sacrifícios eram frequentemente parte de tais rituais, bem como as libações, com cerveja, vinho, água e azeite, coletadas por uma administração burocrática voltada para este propósito específico.

Uma classe de burocratas religiosos controlava a vida política e econômica de Uruk em nome dos deuses-reis. Escribas registravam as esperanças dos sumérios, cujos textos sobreviveram nos arquivos da cidade. Em troca de sua virtude, devoção e respeito pela ordem estabelecida, as pessoas de Uruk ansiavam por vida eterna no próximo mundo.

A manutenção dos templos e organização das cerimônias exigiam um grande corpo de sacerdotes e outros funcionários. Todos os dias, pessoas traziam oferendas de comida celestial aos deuses (e que mais tarde alimentavam os funcionários do templo). Os arquivos descrevem as refeições diárias de seus quatro deuses principais: duzentos e cinquenta pães, mil bolos, cinquenta ovelhas, oito carneiros, dois bois e um bezerro.^[36] Era através desta

complexa e centralizada burocracia que um grande número de pessoas podia ser reunido para trabalhar nas obras de construção maciça na cidade. Sacerdotes e escribas costumavam organizar trabalhos de engenharia que exigiam centenas de milhares de trabalhadores. Esta prática estendeu-se para além das muralhas da cidade, na construção e manutenção dos canais de irrigação, dos quais dependia a existência da população.

Inovação em Uruk

Na antiga Mesopotâmia, o equilíbrio entre o homem e a natureza poderia facilmente pender contra o primeiro. O segredo do sucesso sumério residia em sua capacidade de domar as imprevisíveis fontes de água que existiam em suas terras. Para controlar a água, eles inventaram a roda, cavaram centenas de quilômetros de canais, reservatórios e barragens para irrigação e, ao fazê-lo, conseguiram subjugar e aproveitar as águas turbulentas do Tigre e o Eufrates para seu próprio consumo.

À medida que começaram a dominar a arte de sua nova descoberta, estes antigos agricultores inventaram diversas ferramentas. O grão era a fonte principal de riqueza para todas as classes da cidade, e sua maior preocupação era a de encontrar maneiras para alavancar a produção das plantações. Tabuletas de argila recuperadas por arqueólogos retratam um dispositivo usado para tornar as sementeiras mais econômicas. As sementes eram depositadas através de um funil que assegurava a distribuição regular e uniforme nos sulcos. Os sumérios fizeram crescer plantações abundantes e Uruk foi rodeada por milhares de hectares de paisagem fertilizada. Em algumas áreas, trigo, painço e cevada podiam ser colhidos duas vezes ao ano.

[\[37\]](#)

Examinando a prática social do consumo de álcool, que cresceu na Mesopotâmia ao longo do quarto e terceiro milênios a.C., e estudando a associação entre a parafernália para beber e o comportamento social, historiadores podem perceber um processo de crescente estratificação social. O álcool era utilizado como um meio útil que permitia que os produtos agrícolas excedentes fossem convertidos em trabalho, prestígio e poder político, criando um material socialmente valorizado que podia ser explorado pela elite burocrática emergente.

A evolução mesopotâmica de uma grande variedade de instituições

econômicas concorrentes no meio urbano criou uma estratificação de contextos sociais onde ocorria o consumo de álcool.^[38] Cada um deles tinha sua própria etiqueta e tipo de recipiente, desde as tigelas de proa de alta haste encontradas em Arslantepe^[39] até o consumo por meio de grandes recipientes com espécies de canudos encontrados em sepulturas da elite no sul da Mesopotâmia.^[40] O álcool era muito útil para a crescente burocracia em sociedades complexas como Uruk. Elites rivais podiam fazer uso do conspícuo consumo de álcool para garantir sua identidade como provedores, atrair seguidores, recompensar o sucesso, reforçar a lealdade e apoiar especialistas em crescimento.^[41] A especialização na produção de bebidas alcoólicas é vista pela variedade de tamanhos de recipientes, tipos de cerveja, e evidências de cerâmicas usadas para a destilação de líquidos, bem como locais de produção em larga escala, como aqueles em Abu Salabikh e Khafaje.^[42] No enclave montanhoso de Godin Tepe em Uruk, arqueólogos descobriram a presença de produtos de vinho e cerveja no centro do complexo, fabricados e distribuídos juntamente com outros produtos alimentícios por uma burocracia oficial.^[43]

Os sumérios também fizeram uso de unidades padronizadas de comprimento, área e medida de capacidade.^[44] Eles possuíam unidades separadas para medir cevada, malte, trigo, cerveja, leite, peixe, animais vivos e mortos, e escravos. A unidade de capacidade padrão era a *sila*, o volume de uma única tigela de aro chanfrado. O peso era medido em *shekels*, que pesavam aproximadamente o mesmo que uma libra moderna, ou cerca de meio quilograma. Moedas não eram usadas na Mesopotâmia, embora a existência de pesos padronizados para a prata servisse como medida de valor e indicasse seu uso como meio de troca.^[45]

Ao estudar a categoria do recipiente de aro chanfrado, é possível observar como a fabricação, distribuição e uso destes recipientes contribuíram para a vida cotidiana em Uruk. Estes recipientes eram produzidos em massa através do uso de moldes feitos de madeira.^[46] Artesãos habilidosos podiam levar apenas um minuto para fabricar cada um desses, sendo os mesmos de forma tão simples, que podiam ser fabricados por operários sem experiência em cerâmica e sem outras ferramentas além de uma tigela de aro chanfrado existente.^[47] Elas eram atiradas em fornalhas em locais especiais de “atividade”, como aqueles encontrados em Ur e Uruk.^[48] Sua função

específica tem sido fortemente contestada por estudiosos, sobre se eram usadas como recipientes de ração descartáveis para a distribuição de grãos crus,^[49] ou como uma forma de censo para a distribuição e disponibilidade de trabalho,^[50] ou como recipientes para oferendas votivas. De qualquer forma, as tigelas de aro chanfrado era utilizadas em Uruk nas esferas administrativas, religiosas e domésticas, em justaposição com áreas de armazenamento para alimentação. Pode-se inferir que elas eram utilizadas por um indivíduo ou setor administrativo para processar uma medida de produto alimentar em um local de distribuição centralizada de forma padronizada e durável, de forma que reproduzia a influência da burocracia crescente. Em suma, era um pacote de complexidade, um modelo de prática dietética que se tornou parte de uma identidade cultural e uma ideia tão simples que pôde espalhar-se amplamente apenas com o movimento de um único vaso.^[51]



Imagem de Jon Onomac de uma tina de água encontrada em Uruk

Algumas descobertas feitas pelos antigos sumérios ainda são usadas pelos iraquianos nos dias de hoje. Por exemplo, o betume é usado para impermeabilizar cascos de barcos e vedar os telhados das casas. Havia vasos de barro públicos de água potável nas esquinas e a água evaporava em sua superfície no quente clima diurno, mantendo a água dentro dele fresca, uma invenção suméria que ainda está em uso cinco mil anos depois, em Bagdá.

Escrita Cuneiforme

Não está claro se os sumérios foram o primeiro povo a desenvolver a

escrita, mas é deles o sistema de escrita mais antigo da Mesopotâmia, e sua língua não possui semelhança alguma com qualquer outra. Sua formação de sociedade complexa pode ser encontrada entre a vasta maioria de textos cuneiformes e selos iconográficos usados para registrar transações como a circulação de rações, a coleta de importações e a recepção de mercadorias.

Com o desenvolvimento do comércio, os sumérios inventaram o conceito de “contrato”. Na antiga Mesopotâmia, o mesmo vinha em forma de selos de pedra cilíndrica esculpida, gravada com um baixo relevo negativo. Quando um contrato era firmado, ou quando mercadorias precisavam ser identificadas, o cilindro era enrolado em argila, e a marca deixada era o selo da transação. Tais selos também eram utilizados por sacerdotes e nobres da cidade em quase tudo, desde cartas importantes até decretos legais.^[52] O ato de selar representava a autorização de uma transação por um oficial reconhecido que regulamentava os locais onde as mercadorias, como artigos alimentícios e bebidas, eram produzidas, montadas e distribuídas. Assim, os achados de selagens rompidas ou descartadas implicam locais de armazenamento e distribuição de produtos alimentícios, enquanto que a presença de bolhas inacabadas ou completas indicam a preparação de mercadorias a serem enviadas para outro lugar.^[53]





Selos cilíndricos encontrados em Uruk

O segundo sistema era o uso da escrita cuneiforme, um alfabeto de caracteres em forma de cunha, feito pelo pressionamento de uma vara em argila macia. Não se sabe se as tabuletas de argila eram por vezes deixadas molhadas, mas as que sobreviveram por milhares de anos, até os dias atuais, foram assadas em um forno e deixadas para secar ao ar livre, ou endurecidas pelo fogo quando as cidades foram invadidas e queimadas. Os exemplos mais antigos de escrita cuneiforme descobertos foram encontrados no distrito de Eanna. Muitos outros textos cuneiformes foram encontrados espalhados pelas ruínas em artefatos ou impressos nas paredes de construções.

Foi desta forma, também, que os sumérios começaram a fazer leis. Muito poucos textos legais do período sumério foram encontrados, mas no início do século XX, na cidade persa de Susa (localizada atualmente no Iraque), arqueólogos descobriram a Pedra de Hamurabi, rei da Babilônia. Esta placa de pedra inscrita havia sido capturada como um troféu pelos elamitas, que haviam partido em uma série de jornadas de conquistas pela Mesopotâmia

durante o século XII a.C. Hamurabi possuía o código legal que levava seu nome, elaborado em 1694 a.C. Este código consagrava todas as leis da Suméria, com duzentos e oitenta e dois artigos inscritos na pedra.^[54] Eles são principalmente relacionados aos aspectos da vida cotidiana em cidades como Uruk: transações comerciais, casamentos, e heranças. O rei servia como juiz: ordenava investigações, supervisionava grandes obras públicas, e protegia a população de abusos das autoridades da cidade. As leis de Hamurabi mostram que os sumérios foram os precursores em diversas áreas do direito, existentes ainda milênios depois. Por exemplo, na parte de trás da pedra, um artigo adverte “olho por olho”, um princípio repetido mais tarde no Código de Hamurabi e na Lei de Moisés.^[55]

Rotas de Comércio

Os ourives de Uruk dominavam a técnica de cinzelar e soldar ouro, que era usado também em taças e armas cerimoniais. Também provenientes do Oriente eram o lápis-lazúli e outros materiais preciosos, como a turquesa. Madrepérola e conchas do mar vinham de Bahrain. O uso de tais matérias-primas mostram o quão próspera era Uruk, e o quão envolvida estava no estabelecimento de uma rede comercial próspera com regiões vizinhas, especialmente uma vez que a Mesopotâmia em si não possuía recursos principais além de água, barro, depósitos de betume e fontes menores de cobre em suas montanhas do leste e do norte, o que estimulou a interação inter-regional. Uruk carecia de três recursos importantes em particular: metais preciosos, pedra e madeira.

Para construir o Jardim do Éden na Mesopotâmia, os sumérios percorreram o mundo em busca dos recursos que careciam, e arqueólogos conseguiram rastrear as origens de alguns desses materiais. Para conseguir lápis-lazúli, os sumérios enviaram suas caravanas de comércio três mil quilômetros de distância para as Montanhas de Badakhshan, onde hoje é o norte do Paquistão e sul do Afeganistão. Arqueólogos estabeleceram que o comércio de lápis-lazúli – que tem continuado por milênios – começou com a civilização suméria, abrindo as rotas comerciais atravessando a Eurásia, que antecederam a Grande Rota da Seda em mais de três mil anos.^[56]

A falta de madeira no deserto mesopotâmico era uma questão-chave enfrentada pelo povo de Uruk. Para obter esta rara mercadoria, usada quase

exclusivamente como um material de construção e para criar ocasionais objetos preciosos, os sumérios aventuravam-se à Síria, à Anatólia, e às montanhas do Líbano, em expedições que duravam vários meses. Baixos relevos encontrados no sul da Mesopotâmia mostram madeireiros sumérios cortando cedros e carregando-os em navios antes de navegarem de volta ao Eufrates.^[57] Hoje em dia, as flores de cedro são poucas e distantes na região, pois após os sumérios, todas as civilizações antigas utilizaram cedro, derrubando gradualmente quase todas as florestas na antiguidade.

O betume era adquirido de locais como Hit, uma pequena cidade nas margens do Eufrates, quase quinhentos quilômetros ao norte de Uruk. Lá, alcatrão e enxofre irrompem da terra, e arqueólogos acreditam que os sumérios os coletavam das margens do rio enquanto flutuavam pelo Eufrates.^[58] O povo de Hit, Iraque, ainda coleta alcatrão por meio de métodos que permanecem inalterados por milhares de anos. Antes de tirar o alcatrão da água, eles cobrem suas mãos com areia para suportar a substância quente.^[59] Os sumérios utilizavam betume para impermeabilizar seus barcos, porém suas funções principais eram a de selar tijolos e impermeabilizar fundações de construções públicas, uma precaução necessária como resultado das enchentes anuais do Eufrates.

A Disseminação da Cultura de Uruk

A visão de uma nação como uma entidade geopolítica específica e limitada é uma condição criada historicamente e originada na Europa do século XVII, preocupada com a divisão da paisagem na qual a identidade era absoluta, limites eram fixados e restrições legais eram impostas. Deve ficar claro que os reinos e impérios da antiga Mesopotâmia não funcionavam desta forma.^[60] As fronteiras naturais oferecidas pelos rios, montanhas e desertos de terra não eram absolutas, mas sim zonas de grande interação ao longo dos milênios.^[61] Ao longo da história, caravanas de comércio, expedições militares, e um número incontável de migrantes atravessaram essas fronteiras de terras vizinhas, cada uma das quais teve sua influência na sociedade e cultura mesopotâmicas à sua própria maneira.

Os arqueólogos consideram as ideias de territorialidade e fronteiras uma ficção conveniente usada para mapear e analisar políticas, construídas sobre

uma abstração da paisagem. Examinando a antiga Mesopotâmia, a noção de “território” e estado tem sido representada de diversas maneiras, e não existe consenso definitivo sobre como podem ser descritos os antigos “estados” mesopotâmicos, como o de Uruk. Alguns afirmam que eles foram organizados como entidades territoriais sob autoridades públicas, abrangendo muitas comunidades em suas fronteiras com um governo centralizado, exércitos elaborados, trabalho coletivo e tributação.^[62] Outros tomam uma perspectiva mais ampla, sustentando que estados podem ser identificados como unidades políticas autônomas por seus sistemas legais ou pela medida em que eles usam a coerção para impor poder sobre sua população.^[63] Ambas perspectivas assumem que os estados possuem limites mais ou menos conhecidos, onde pessoas acreditam que há um território limitado representando a jurisdição e controle dos mesmos, e que possuem uma qualidade organizacional que permanece constante ao longo do tempo.

No entanto, a antiga Mesopotâmia era composta de diversas esferas culturais, linguísticas ou étnicas fragmentadas (e muitas vezes sobrepostas).^[64] Neste sentido, seus limites eram porosos, permeáveis e flexíveis. Além disso, eram seletivamente identificados e defendidos por certos grupos, dependendo de seu contexto histórico. O que a natureza e estrutura de Uruk nos dizem sobre a relação com seus arredores, bem como com outras cidades-estado da Mesopotâmia contemporânea? Arqueólogos recentemente têm tentado analisar Uruk além de suas fronteiras das muralhas da cidade e interior imediato, em uma tentativa de começar a construir uma compreensão regional da importância das rotas e suas dinâmicas, e entender a natureza das comunidades que elas conectam.

A expansão de Uruk ocorreu durante o quinto milênio a.C., à medida que os locais do norte fizeram contato com os do sul. Isto é indicado por cones, bolhas e selos tradicionalmente identificados com as áreas do norte, embora crescentemente utilizados em áreas do sul da Mesopotâmia.^[65] A disseminação da urbanização deu-se como o processo mais importante do período, marcando a transição da agricultura de subsistência para a emergência de cidades no sul mesopotâmico. Seguindo o modelo estabelecido por Uruk, outras cidades deste período foram definidas por fatores incluindo o surgimento de uma burocracia com um corpo governamental centralizado; estratificação social na forma de elite militar, religiosa ou política; crescentes níveis de artesanato e especialização

econômica; e o surgimento de profissionais de tempo integral.^[66] Outrossim, muitas cidades podem ser identificadas por estruturas monumentais e templos construídos na paisagem urbana, indicando o surgimento da religião organizada.



Mapa demonstrando a propagação da expansão de Uruk

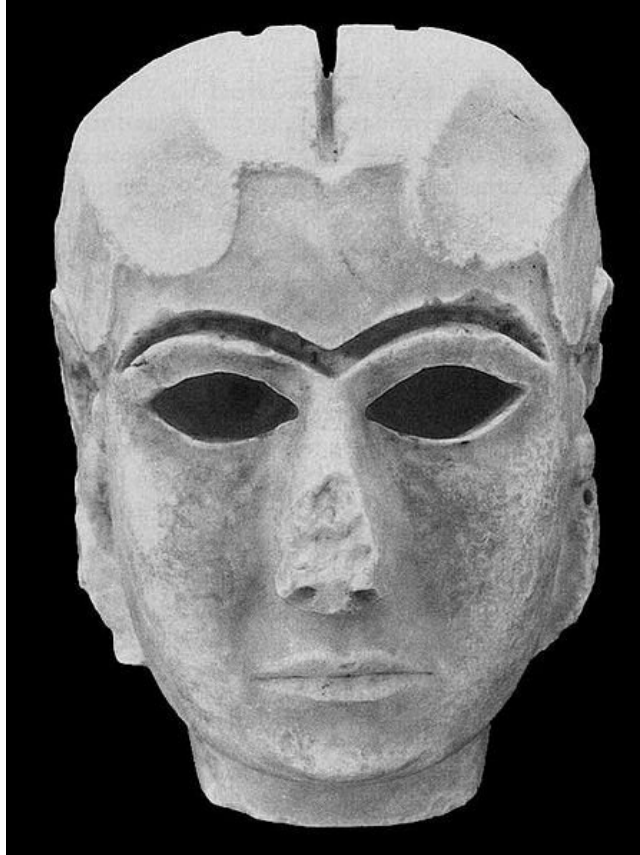
O Tel Brak (também conhecido como Nagar ou Nawar) foi um assentamento do sétimo milênio a.C., que cresceu ao ponto de tornar-se uma das maiores cidades do norte da Mesopotâmia durante o quarto milênio a.C., antes de diminuir de tamanho no começo do terceiro milênio a.C.^[67] O tel é rodeado por uma área levantada com formas ocas que eram utilizadas para direcionar a água das bacias hidrográficas no norte, embora não esteja claro se estas formas ocas eram intencionalmente desenvolvidas para redirecionar a água das bacias ou parte da rede de drenagem natural responsável pelo redirecionamento da água da chuva.^[68]

O Tel Brak era um centro religioso desde os seus primeiros períodos, como pode ser visto no famoso “Templo do Olho”, dedicado a Belet-Nagar. O templo é decorado com um mosaico de designs geométricos feitos com *riemchen*.^[69] Também no Tel Brak estão algumas das primeiras indicações da disseminação de uma produção de artesanato especializada, originada em

Uruk e outros locais urbanos do sul da Mesopotâmia. Ao invés de cada família fazer sua própria cerâmica, havia pessoas cujo trabalho era fazê-las. Um artefato particularmente fascinante vindo do Tel Brak é um cálice feito de obsidiana anexado a uma base de mármore, materiais que teriam de viajar por longas distâncias até chegarem ao local.^[70] O consumo conspícuo de materiais como este teria marcado certos indivíduos poderosos como mais poderosos ainda. Na época em que o Tel Brak estava se tornando um local urbano, indivíduos começavam a se diferenciar socialmente e, muito provavelmente, politicamente.^[71]



Escultura de touro encontrada em Uruk



A Máscara de Warka, encontrada em Uruk

A expansão de Uruk ocorreu em outros lugares em torno da Mesopotâmia e ainda mais longe. Na região do Alto Eufrates, a acrópole religiosa do Tel Qannas mostra evidências de tijolos de *riemchen* e tigelas de aro chanfrado na antiga Anatólia, e mosaicos de *riemchen* foram encontrados em Samsat.^[72] Os estilos arquitetônicos de estruturas em Hassek Huyuk também compartilham semelhanças com aqueles do sul da Mesopotâmia.^[73] A disseminação dos sistemas de escrita é indicada pelas impressões em selo encontradas em Arslantepe, e tigelas de aro chanfrado foram descobertas por arqueólogos em Tepecik. Um dos sítios arqueológicos mais importantes deste período em Anatólia é Çatalhöyük, uma cidade com cerca de mil habitações, das quais metade possuía aproximadamente vinte e cinco metros quadrados de tamanho, tornando-as adequadas para acomodar uma grande família,^[74] com um número de população total estimado de cinco mil pessoas. As casas eram emplastradas, algumas das quais possuíam elaboradas pinturas e relevos de parede, bem como santuários com crânios de animais; e, assim como os sumérios, a religião parecia ser uma força motriz em sua sociedade.^[75]

Como a cultura de Uruk expandiu-se tanto durante este período? Alguns arqueólogos insistem que uma forma de determinar este fato é através do fluxo de materiais valiosos, de suas fontes aos centros urbanos. Por exemplo, os ricos recursos minerais da beira do planalto do Crescente Fértil podem ter sido um fator-chave na formação de redes comerciais complexas, uma periferia à espera de um núcleo.^[76] A extração e comércio de longa distância do lápis-lazúli do Afeganistão, ou a troca de ouro, prata e cobre do Leste da Anatólia para as planícies da Mesopotâmia no quarto milênio a.C., agem como indicadores de potenciais bacias hidrográficas que as potências urbanas estavam dispostas a trocar por materiais de luxo. A cada dia, a repetitiva troca de produtos e ideias ocorria pelas vias locais, enquanto as integrações em grande escala – envolvendo produtos de alto valor – ocorriam pelas estradas.^[77]

Este comércio também pode fornecer uma visão sobre a relação entre comunidades urbanas sedentárias e seus vizinhos nômades, como sistemas de rotas conduzidos de cima para baixo, dos desejos das elites urbanas das planícies que influenciam as ações das comunidades das terras altas.^[78] Como muitos recursos importantes não eram encontrados na Mesopotâmia, comerciantes desta época tinham que viajar para longe de suas cidades-estado à procura de *commodities*, e interagir com intermediários nômades para adquirir certos produtos. Alguns afirmam que colônias eram estabelecidas em cidades de toda a Eurásia por estes mercadores viajantes, através dos quais ideologias e projetos tecnológicos eram transmitidos.^[79] O lápis-lazúli descoberto no Egito Antigo corrobora com esta hipótese, mostrando que as rotas da região do Mediterrâneo para o Afeganistão eram existentes nesta época. A cultura de Uruk parece ter-se expandido até o Egito Antigo no período de Naqada II/Gerzean (aprox. 3500-3200 a.C.), como indicado pelos selos cilíndricos em Tel al-Fara, no delta do Nilo.^[80]

O Período de Jemdet Nasr e o Período Dinástico Antigo

A cultura e sociedade sumérias prosperaram durante o terceiro milênio a.C. No final do período Uruk, muitos dos locais do norte estavam sendo abandonados em favor de novos assentamentos estabelecidos mais ao sul na vizinhança de Uruk, que havia dobrado de tamanho.^[81] Esta tendência perdurou no período de Jemdet Nasr e no Período Dinástico Antigo, à medida

que a prosperidade de Uruk continuava a crescer.

O período de Jemdet Nasr é identificado pelo crescimento de uma liga de cidades-estado no centro-sul da Mesopotâmia. Alianças políticas, religiosas e comerciais foram formadas entre tais estados, como indicado por impressões em selo encontradas em tabuletas que carregam o símbolo de Inanna, deusa de Uruk. O Período Dinástico Antigo foi marcado por um crescimento dramático de locais e da população da Mesopotâmia. Este foi um período de constantes pequenas lutas entre cidades vizinhas, e um tempo de fragmentação política, juntamente com integração cultural.

Embora os templos pareçam ter servido como centros de poder no quarto milênio a.C., houve uma mudança para uma liderança mais secular de figuras masculinas famosas no Período Dinástico Antigo.^[82] Seguimentos de culto a certas figuras cresceram no contexto da intensa competição política. Estes indivíduos poderosos demonstravam sua superioridade e poder através do “consumo conspícuo”: a aquisição de matérias-primas caras e raras de outras regiões e a aquisição de objetos de terras distantes a serem trazidos às capitais culturais para exibição, o que facilitava as conexões de comércio com outras áreas.



Representação antiga de Inanna

Outros locais influenciados pela cultura de Uruk prosperaram durante este período, como indicado por sepulturas no Cemitério Real de Ur, que mostram uma exibição ostentosa de riqueza material luxuosa alinhada ao conspícuo consumo de líderes vivos. Este consumo não era restrito a objetos e produtos, mas também a pessoas, de acordo com as evidências de sacrifício humano. Em uma tumba, uma figura real chamada Rainha Puabi fora enterrada com inúmeras servas e sepultada com uma esplêndida coleção de objetos raros e luxuosos, incluindo a então chamada “Lira da Rainha”, designada na forma de um touro, da qual apenas a cabeça e outros fragmentos do corpo sobreviveram aos dias atuais.^[83] A cabeça de touro nesta lira possui olhos de lápis-lazúli em uma face de ouro. A harpa em si fora decorada com conchas e pedras preciosas. Para sua jornada final com a rainha, cada uma das servas sacrificadas vestia um espetacular diadema de faixas de ouro e pedras

preciosas, e suas sobancelhas foram enfeitadas com uma trança de folhas de faia feitas de folha fina batida, das quais desabrochavam três flores de ouro. ^[84] A Rainha Puabi também fora sepultada com um magnífico manto feito de ouro, prata, lápis-lazúli, cobre, e cornalina na forma de um carneiro espreitando através de um arbusto. ^[85]

O comércio tornou-se cada vez mais importante no contexto do consumo conspícuo, correspondente à expansão dos locais sedentários do sul da Mesopotâmia para suas zonas marginais. O sítio de Al-Rawda foi ocupado durante a segunda metade do terceiro milênio a.C., onde os levantamentos geomáticos revelaram uma densa infraestrutura de construções organizadas em uma rede de ruas concêntricas e radiais, todas dentro de um recinto fortificado. ^[86] A relação de Al-Rawda com a Mesopotâmia mais ampla é indicada por cinco portais maciços nas muralhas da cidade, e as rotas de entrada e saída da mesma.

A monumentalidade dessas entradas, e os itens exóticos escavados encontrados no templo principal para o qual as estradas principais guiavam, indica o envolvimento da cidade com as rotas comerciais da Idade do Bronze Inicial, da Síria Ocidental ao Vale do Eufrates. ^[87] As descobertas, incluindo conchas do Mar Mediterrâneo e do Golfo Pérsico, ágata da Índia, lápis-lazúli de Badakhsan, e possivelmente alabastro egípcio, indicam que Al-Rawda tinha parte ativa nesta rota de comércio, como uma localização periférica estrategicamente posicionada pelo seu núcleo e planejada para explorar redes de comércio de longa distância. Outras cidades com semelhantes projetos de infraestrutura foram estabelecidas durante este tempo, como Mari no vale do Rio Eufrates, e Tel Chuera no norte da Síria. ^[88] Um papel sugerido para um ambiente urbano tão regular e organizado, em um local marginal como este, pode servir como uma comunidade de entrada para comunicação com pastores e exploração de recursos locais.

A Queda de Uruk

Após o período de fragmentação política marcado pelo Período Dinástico Antigo, vieram duzentos anos de integração regional. Acredita-se que o primeiro rei a verdadeiramente unir a Suméria tenha sido Lugalzagesi de Umma (2360 – 2336 a.C.), que também tornou-se seu último.^[89] Diz-se que ele conquistou todas as outras cidades-estado sumérias e então subjugou o resto da Mesopotâmia e da Síria, mas após décadas no trono, foi derrubado por Sargão da Acádia (aprox. 2340 – 2284 a.C.). Sargão criou o primeiro império do mundo, esticando o comprimento e a largura do Crescente Fértil.

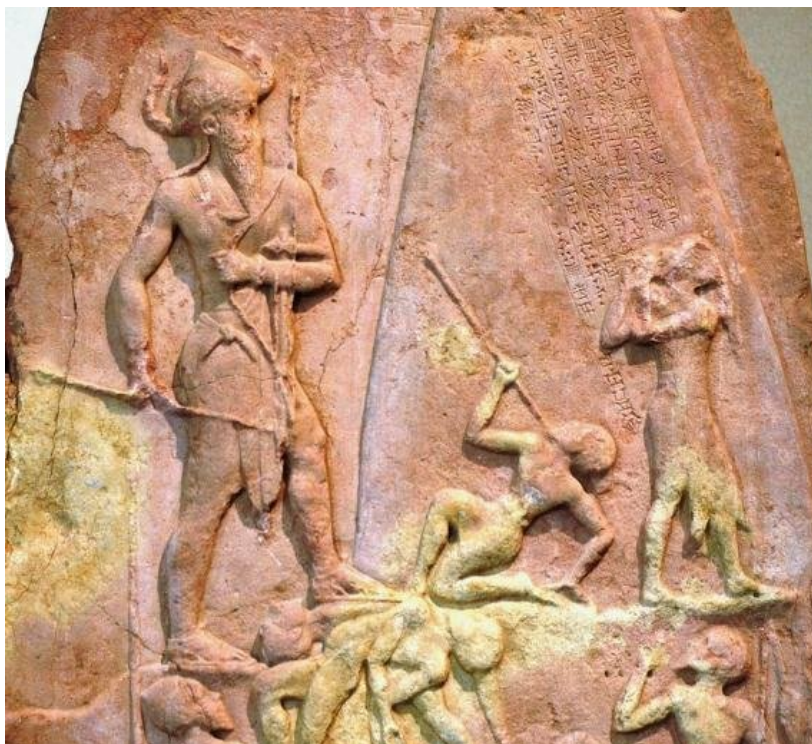
Textos como o calcário vermelho Estela da Vitória de Naram-Sin (aprox. 2254 – 2218 a.C.) fornecem inestimável reflexão sobre os eventos deste período.^[90] Esta estela foi estabelecida longe da Mesopotâmia, no local iraniano de Susa. Ela representa a vitória de Naram-Sin, neto de Sargão, sobre o povo montanhoso de Lullubi, na paisagem distintiva das Montanhas de Zagros. Acreditava-se que o reinado era transmitido dos deuses, e poderia ser transferido de uma cidade para outra. Ao retratar esta vitória, caminhando sobre as encostas íngremes do território inimigo, Naram-Sin atinge a mesma posição elevada dos deuses e reflete a hegemonia dos acadianos do início do terceiro milênio a.C.



Escultura de Lugal-kisal-si, rei de Uruk



Máscara que acredita-se representar Sargão



Estela da vitória de Naram-Sin

Entretanto, o império de Sargão caiu rapidamente à insurreição e invasão das hordas dos gutianos, um povo nômade das Montanhas de Zagros, que governaram o sul por cerca de um século. Eventualmente, eles também foram destronados em uma revolta que inaugurou a Terceira Dinastia de Ur. Esta dinastia foi estabelecida pelo rei Ur Nammu, e, sob seu governo, a cultura e civilização sumérias mais uma vez prosperaram.^[91] Houve paz ao longo das terras, o sistema legal foi reforçado, a agricultura prosperou, e cidades e templos foram reconstruídos. No entanto, após um século, os nômades amoritas – também conhecidos como semitas – destruíram o Império de Ur III, e a língua suméria foi gradualmente substituída.^[92]

Os séculos seguintes foram turbulentos, à medida que diversas cidades-estado disputavam a supremacia no sul da Mesopotâmia. Então, em 1750 a.C., o povo de Uruk e de outras cidades-estado tornaram-se parte do império politicamente unificado da Babilônia, fundado pelo Rei Hamurabi. O império de Hamurabi – que incluía a Mesopotâmia, Síria, e parte da Anatólia – era poderoso.^[93] Após consolidar seu reinado sobre as cidades-estado em guerra, Hamurabi escreveu o primeiro de seus códigos de lei. O império reteve seu poder por mais de trezentos anos.

Por volta de 1400 a.C., outro povo – os assírios – surgiram como uma força dominante na região, centrada na cidade de Assur. Os assírios possuíam uma vantagem principal sobre o poderoso império babilônio, – o cavalo – que usaram para devastar os exércitos babilônios acostumados a lutar a pé. A Babilônia caiu aos pés destes conquistadores, que ganharam o controle de maior parte da Mesopotâmia.

Sob tais poderes sucessivos, muitas transformações ocorreram na cidade de Uruk, embora seja incorreto dizer que a antiga cultura suméria tenha sido simplesmente “substituída” pela dos acadianos e babilônios. Em vez disso, o processo deve ser visto como um híbrido inovador entre o que já existia na cidade e o que veio de fora da esfera cultural suméria. Por exemplo, no terceiro século a.C., o distrito do Templo Reš – também conhecido como o distrito de Kullaba – fora adicionado ao centro de Uruk, a oeste do antigo distrito de Eanna. O *bīt*, como este estilo de templo era conhecido, era uma construção de origens acadianas popularizada pelos babilônios, e que provavelmente abrigava performances políticas ao passo em que

desempenhava paralelamente o papel de templo.^[94] Embora sendo uma nova construção, o Templo Reš de Uruk foi construído de maneira que se assemelhava aos templos dos antigos períodos da cidade, enfatizando a relevância contínua destes locais para a população.

Um segundo e vasto complexo de templo também foi construído nesta época – o Templo Akītu – onde sacerdotes babilônios realizavam cerimônias dedicadas a Anu em cada primavera.^[95] O Templo de Irigal foi um complexo construído ao sul do Templo Reš em aproximadamente 200 a.C., usado como uma casa de adoração para os deuses Ishtar e Nana.^[96]

Acredita-se pela maioria dos estudiosos que Gilgamesh tenha sido uma figura histórica real, o quinto rei de Uruk, que existira durante o terceiro milênio a.C.^[97] No entanto, sua vida está imersa em um mito que, de diversas maneiras, reflete a ascensão e a queda de Uruk e da cultura suméria. Ele fora o herói dos sumérios, cujas histórias e aventuras tornaram-se famosas por toda a Mesopotâmia, resumindo a história da ascensão e queda da civilização suméria daquela época.

Gilgamesh fora um rei justo e um grande construtor, e que desafiou os deuses. Ele dominou tribos selvagens e foi à distante Floresta de Cedar – considerada o lar dos deuses – para confrontar Humbaba, o monstro comedor de fogo. Durante sua luta, Gilgamesh decepou a cabeça do monstro, e retornou a Uruk com a mesma, em triunfo. Para puni-lo, a deusa Inanna enviou um touro celestial para destruir a cidade. O touro secou os prados e rios da terra, e abriu profundas fendas nas quais pessoas caíram para a morte.

A queda repentina dos impérios do Antigo Oriente não é sem precedentes. Reinados, dinastias e impérios, todos eventualmente caem, e o povo do Oriente Próximo deveria estar mentalmente acostumado ao conceito de estruturas e fundações se desmoronando. Após governar a Mesopotâmia por três mil anos, a civilização suméria, atacada por todos os lados, entrou em colapso. A pompa de suas cidades havia chegado ao fim, assim como sua influência sobre as terras. Os canais de irrigação de Uruk gradualmente secaram, muros de casas e templos desmoronaram sob a agressão combinada de sol, chuva e vento, e o barro dos tijolos tornou-se pó, deixando apenas uma massa informe sobre as dunas como o último vestígio da grandeza de uma civilização.

Ainda é uma questão aberta como os sumérios desapareceram completamente. O consumo conspícuo e a aquisição de recursos poderia ter causado um eventual declínio. Em aproximadamente 1200 a.C., a humanidade descobriu o ferro como um recurso – mais fácil de trabalhar, mais forte, e com mais aplicações do que o cobre, anteriormente utilizado pelos sumérios. O problema era que a Mesopotâmia possuía pouco minério de ferro próprio, necessitando expandir suas rotas de comércio para mais longe em função de obter o precioso material. É claro, eles não podiam competir com regiões que possuíam mais fácil acesso aos minérios de ferro, portanto estes povos passaram a desempenhar papéis maiores na região.

O clima provavelmente desempenhou papel principal no declínio e queda de Uruk. Apesar de suas habilidades inventivas, os agricultores e governantes eram impotentes para manter seus recursos. O sistema de irrigação de Uruk tornara o povo poderoso, porém também contribuiu para sua destruição. Uruk fora originalmente construída na costa sudoeste do Eufrates, mas o rio moveu-se com o tempo, e hoje em dia, a cidade em ruínas localiza-se a longa distância a nordeste do rio. As construções de tijolos de barro da cidade não perduraram contra as inundações causadas pelas invasões do rio. Além disso, os assentamentos satélites e fazendas aos arredores da cidade, que abasteciam a população com grãos, vivenciaram problemas futuros como resultado da desertificação da terra.

À medida que evaporaram três mil anos de água de irrigação, o sal enterrado no solo subiu à superfície. Ao fim, os campos ao redor de Uruk estavam cobertos por uma crosta branca de sal, endurecida pelo sol. O trigo já não mais podia crescer em solo estéril. O povo local ainda é atormentado por este problema hoje em dia – em algumas áreas, a terra se assemelha a um deserto rachado e não cultivado, apesar do fato de que esta área fora uma vez conhecida como o Crescente Fértil.

Diante das mudanças climáticas e desertificação, os agricultores não puderam encontrar outra solução, e a cidade enfraquecida tornara-se incapaz de enfrentar a competição econômica com cidades maiores da Mesopotâmia. No século VIII a.C., Uruk estava terminada. Os babilônios foram destronados pelos assírios na mesma época, e embora eles tenham conseguido recuperar sua independência da Assíria no século VII a.C., não possuíam nenhum uso para a terra estéril do sul da Mesopotâmia. Sob o sol impiedoso, a cidade de Uruk retornou ao pó.

Trabalho Arqueológico

Na década de 1850, quando arqueólogos chegaram ao Iraque, eles foram em busca do passado bíblico da região. Na metade do século XIX, tudo o que se sabia sobre a antiga Mesopotâmia era o que podia ser lido no Antigo Testamento. Arqueólogos franceses e britânicos competiram para descobrir o que podiam sobre estas terras semi-mitológicas, focando seus interesses na Babilônia e, em vez disso, encontraram vestígios de civilizações muito mais antigas. Eles revelaram uma civilização insuspeita, enterrada sob as areias, mas o que era de tão especial sobre o que encontraram, e por quê uma civilização desenvolvera-se naquela parte do mundo? Estas eram as perguntas levantadas pelos primeiros pesquisadores da Mesopotâmia.

Os primeiros arqueólogos a verem as ruínas de Uruk devem ter ficado perplexos, pois diante deles havia uma confusa paisagem de ruas estreitas, praças, vestígios de casas, celeiros e templos. Hoje em dia, a terra em volta de Uruk é um deserto árido, muitos quilômetros distante do atual curso dos rios mais próximos, tornando difícil imaginá-la como uma cidade uma vez próspera, na qual seus habitantes viviam da terra. Quando encontraram as ruínas das barragens sumérias nesta área estéril, os arqueólogos do século XIX enfrentaram um enigma ao tentar descobrir como as pessoas poderiam ter vivido neste deserto, tão longe de uma fonte de água doce.

Eventualmente, aprendeu-se que Uruk evoluíra em uma paisagem vastamente diferente daquela que existe hoje. Duzentos e cinquenta quilômetros ao sul de Bagdá e cento e sessenta quilômetros ao norte de Uruk está a cidade deserta de Nippur, com seu templo em ruínas erguendo-se sobre as dunas de areia. Foi durante a escavação deste local que os arqueólogos descobriram pela primeira vez até que ponto a paisagem antiga havia mudado ao longo do tempo. Lá, encontraram uma tabuleta que representava o mapa de Nippur, com as localizações exatas do templo, da muralha da cidade e do Rio Eufrates, incluindo um canal em que o mesmo havia sido desviado para abastecer a cidade com água.^[98] A cidade havia, portanto, sido construída ao lado da água, mas as mudanças na forma do terreno e na força das inundações anuais haviam mudado o curso do rio com o tempo.

As primeiras escavações ocorridas em Uruk foram feitas por William Loftus, um explorador britânico, entre 1850 e 1854. Escavações mais intensas ocorreram no início dos anos 1910, pela Sociedade Alemã Oriental, liderada

por Julius Jordan. Foi durante este período que o Templo Reš foi descoberto, bem como as muralhas de Gilgamesh. Os arqueólogos alemães retornaram ao sul do Iraque em diversas outras ocasiões antes e depois da Segunda Guerra Mundial, mas, usando trincheiras, uma técnica de escavação típica deste período da arqueologia, eles causaram muitos danos ao local, e ignoraram muitas das informações valiosas que poderiam ter sido fornecidas através do estudo cuidadoso das relações estratigráficas das muitas camadas do tel. As metodologias modernas do Instituto Arqueológico Alemão, realizada escavações em Uruk desde o começo do século XXI, têm sido muito menos danosas e mais informativas. Usando pesquisas geofísicas e escavações limitadas, foi principalmente por meio destes projetos que a maioria do que é conhecido da cidade foi revelado.^[99]



*Julius Jordan
Wm Kenneth Loftus*

Loftus

Artefatos único oferecem uma fonte de informação muito pequena e detalhada. Felizmente para os arqueólogos, o povo da Mesopotâmia não possuía horários regulares ou lugares específicos para livrar-se de seus resíduos domésticos. Estes eram simplesmente jogados nas ruas da cidade, deixando enormes quantidades de restos materiais para os arqueólogos os

escavarem e estudarem, muito perto da localização em que eram utilizados. A distribuição superficial da cerâmica era analisada para indicar onde as pessoas poderiam ter vivido no passado. Também há uma riqueza de fontes textuais oferecendo perspectivas únicas da vida contemporânea em Uruk. Assim como os vestígios de cerâmica, os textos também estão geralmente localizados nas cidades das quais são originados, já que conquistadores invasores preferiam carregar consigo objetos valiosos de ouro e prata. A escrita cuneiforme foi usada por muitas línguas, e as tabuletas inflamadas nas quais foram escritas ainda estão bem preservadas. Inscrições e escrita sobre materiais perecíveis também podem ter existido, mas não sobreviveram.

Com o tempo, a atenção arqueológica foi desviada de seu foco tradicional em componentes temporais para a análise detalhada das relações estratigráficas em função de revelar sequências cronológicas de eventos em uma pequena área. A pesquisa, tanto intensiva quanto extensiva, tornou-se metodologia dominante usada para investigar toda a região. Considerando os componentes horizontais e espaciais da paisagem, arqueólogos puderam ter uma nova e excitante visão do passado. Uma vez que fotografias aéreas provaram ser de uso limitado no Oriente Próximo, nunca tendo sido feitas de maneira sistemática, os arqueólogos têm feito, nas últimas décadas, o uso de imagens de satélite, como a CORONA, e o recente software Quickbird. As imagens CORONA e escavações provaram ser muito eficazes no estudo das antigas rotas de comércio em particular. Apesar de datadas demais para serem usadas para fins de inteligência, elas fornecem aos arqueólogos imagens tiradas de forma sistemática durante os anos 60 e 70, efetivamente fazendo uma preservação por registro da paisagem da época.^[100] Isto é de particular importância devido aos efeitos da modernização e desenvolvimento da região, uma vez que a paisagem atual tem sido dramaticamente alterada pela expansão das cidades e agricultura mecânica intensiva, por exemplo, no Tel Brak na área da Bacia de Khabur.^[101]

A descoberta da civilização mesopotâmica foi excepcional pois permitiu que estudiosos gradualmente percebessem que, uma vez, existira uma complexa sociedade extremamente diversa e altamente desenvolvida, em um mundo que eles não conheciam além do que era descrito na Bíblia. Muitas pessoas acreditavam que a civilização começara com os gregos, mas o que os arqueólogos descobriram nas áreas do Iraque foram evidências que algo existira muito antes deles, influenciando o desenvolvimento da civilização

clássica.

Diversos textos contemporâneos referem-se ao temperamento sumério. Vivenciando muitos dos desastres da natureza, é de se esperar que eles sejam descritos como conscientes da brevidade e fragilidade da vida. Os trabalhos de construção nos quais eles se engajaram, e os baixos relevos que eles deixaram (algumas imagens mostram homens relaxando e/ou bebendo cervejas de grandes recipientes), indicam a enorme realização de um povo vivendo em um ambiente terrivelmente hostil, inspirando seus mais belos mitos.

É sua história que a Bíblia conta. Como os construtores da Torre de Babel, os homens e mulheres de Uruk foram eventualmente dispersados pela terra. A água que a cidade tanto temia e confiava provocara sua própria destruição. Tendo controlado as enchentes do Eufrates por milhares de anos, o povo de Uruk foi eventualmente eliminado pela história.

Durante muito tempo, pouco se sabia da vida em Uruk, mas no árido deserto que cercava o local, traços de um antigo passado puderam ser encontrados. Pode-se realmente falar de declínio ou desaparecimento de uma civilização? De muitas maneiras, falar do “declínio” dos sumérios é o uso incorreto da palavra. Sua civilização atingiu o pico depois de produzir muitas coisas maravilhosas e grande indivíduos, e suas invenções, filosofias e histórias nunca desapareceram. Em vez disso, sua cultura foi transmitida por eras, primeiro em Anatólia, através dos gregos e persas, e então por todo o mundo mediterrânico. Em todo o tempo, o mundo clássico herdou as realizações da civilização mesopotâmica sem perceber sua origem. Ao fim, o povo de Uruk deixou a humanidade com um legado de riqueza, vestígios de seu gênio criativo, e um senso da extraordinária fragilidade das civilizações.

Recursos Online

[*The Sumerians* by Charles River Editors](#)

[*A History of Sumer and Akkad* por Leonard King](#)

[*The Babylonian Story of the Deluge as Told by Assyrian Tablets from Nineveh* por E.A. Wallis Budge](#)

[*The Assyrians: The History of the Most Prominent Empire of the Ancient Near East* por Charles River Editors](#)

Babylon: The Rise and Fall of Ancient Mesopotamia's Greatest City por Charles River Editors

The Hittites: The History and Legacy of the Bronze Age's Forgotten Empire por Charles River Editor

Bibliografia

Clayden, T. 1995. "The Date of the Foundation Deposit in the Temple of Ningal at Ur." 57: 61 70.

Curtis, J.E. and J.E. Reade, eds. 1995. *Art and Empire: Treasures from Assyria in the British Museum*. London: British Museum Press.

Dalby, Andrew. 1986. "The Sumerian Catalogs." *Journal of Library History* 21: 475-487.

Driel, G. van. 1995. "Nippur and the Inanna Temple during the Ur III Period." *Journal of the Economic and Social History of the Orient* 38: 393-406.

Frankfort, Henri. 1996. *The Art and Architecture of the Ancient Orient*. New Haven, Connecticut: Yale University Press.

Kitchen, Kenneth A. 2003. *On the Reliability of the Old Testament*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans.

Kuhrt, Amélie. 2010. *The Ancient Near East: c. 3000-330 BCE*. 2 vols. London: Routledge.

Mieroop, Marc van de. 2007. *A History of the Ancient Near East: ca. 3000-323 BCE*. 2nd ed. London: Blackwell.

Miller, Naomi F. 2013. "Symbols of Fertility and Abundance in the Royal Cemetery at Ur, Iraq." *American Journal of Archaeology* 117: 127-133.

Outram, Dorinda. 1995. *The Enlightenment*. Cambridge: Cambridge University Press.

Pollock, Susan. 1999. *Ancient Mesopotamia: The Eden that Never Was*.

Cambridge: Cambridge University Press.

Porada, Edith. 1960. "Greek Coin Impressions from Ur." *Iraq* 22: 228-234.

Pritchard, James B, ed. 1992. *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*. 3rd ed. Princeton, New Jersey: Princeton University Press.

Reade, J.E. 2001. "More Silver from the Temple Treasury at Ur." *Revue d'Assyriologie et d'archéologie orientale* 95: 178-179.

Sandars, Nancy K., ed. 1972. *The Epic of Gilgamesh*. Revised ed. London: Penguin Books.

Sharlach, Tonia. 2007. "Social Change and the Transition from the Third Dynasty of Ur to the Old Babylonian Kingdoms c. 2112-1595 BCE." In *Regime Change in the Ancient Near East and Egypt: From Sargon of Agade to Saddam Hussein*, ed. Harriet Crawford, 61-72. Oxford: Oxford University Press.

———. 2005. "Diplomacy and the Rituals of Politics at the Ur III Court." *Journal of Cuneiform Studies* 57: 17-29

Snell, Daniel C. 2011. *Religions of the Ancient Near East*. Cambridge: Cambridge University Press.

Soden, Wolfram von. 1994. *The Ancient Orient: An Introduction to the Study of the Ancient Near East*. Translated by Donald G. Schley. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans.

Speiser, E.A. 1983. "Ancient Mesopotamia." In *The Idea of History in the Ancient Near East*, ed. Robert C. Denton, 35-76. New Haven, Connecticut: American Oriental Society.

Vansina, Jan. 1985. *Oral Tradition as History*. Madison, Wisconsin: University of Wisconsin Press.

Weadock, Penelope N. 1975. "The Giparu at Ur." *Iraq* 37: 101-128.

Woolley, Leonard. 1982. *Ur of the Chaldees*. Edited by P.R.S. Moorey. Rev.

ed. Ithaca, New

York: Cornell University Press.

Ziskind, Jonathan R. 1972. "The Sumerian Problem." *History Teacher* 5: 34-41.

-
- [1] Polybius (2012) *Polybius: The Histories*. Chicago: University of Chicago
 - [2] Wilkinson, T. J. (2000) "Regional approaches to Mesopotamian archaeology: the contribution of archaeological surveys." *Journal of Archaeological Research*, 8:3. 219–267. .
 - [3] Bahrani, Z. (1998) "Conjuring Mesopotamia: Imaginative Geography a World Past." in Meskell, L. *Archaeology under Fire: Nationalism, Politics and Heritage in the Eastern Mediterranean and Middle East*. London: Routledge. 159–174
 - [4] Bahrani, 1998
 - [5] Bahrani, 1998
 - [6] Foster, B. R., and Polinger Foster, K. (2009) *Civilizations of Ancient Iraq*. Princeton: Princeton University Press. .
 - [7] Braidwood, R. J., Çambel, H., Redman, C. L., and Watson, P. J. (1972) "Beginnings of Village-Farming Communities in Southeastern Turkey." *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 68:6. 1236 - 1240. .
 - [8] Hopf, M., and Zohary, D. (2000) *Domestication of Plants in the Old World: The Origin and Spread of Cultivated Plants in West Asia, Europe, and the Nile Valley*. Oxford: Oxford University Press
 - [9] Hopf and Zohary, 2000. .
 - [10] Delougaz, P. (1938) "A Short Investigation of the Temple at Al-'Ubaid". *Iraq*, 5. 1 – 11
 - [11] Bogucki, P. (1990) *The Origins of Human Society*. Malden: Blackwell
 - [12] Lloyd, S. (1978) *The Archaeology of Mesopotamia: From the Old Stone Age to the Persian Conquest*. London: Thames and Hudson. .
 - [13] Leick, G. (2001) *Mesopotamia: The invention of the city*. London: Allen Lane
 - [14] Woolley, C. L. and Moorey, P. R. S. (1982) *Ur of the Chaldees: Revised and Updated Edition of Sir Leonard Woolley's Excavations at Ur*. Cornell: Cornell University Press
 - [15] Leick, 2001
 - [16] Rothman, M. S. (2001) *Tepe Gawra: The Evolution of a Small, Prehistoric Center in Northern Iraq*. Pennsylvania: University Museum Publications. . .
 - [17] Herrmann, G. (1966) "Lapis Lazuli: The Early Phases of Its Trade." *Oxford University Dissertations*
 - [18] Young, D. W. (1991) "The Incredible Regnal Spans of Kish I in the Sumerian King List." *Journal of Near Eastern Studies*, 50: 1. 23 – 35
 - [19] Foster and Polinger, 2009
 - [20] Other contemporary legends describe an extremely long-lived race from the planet Nibiru, known as the Anunnaki (the "seven judges" or "those who came from Heaven to Earth"). This race is described as having bred with apes from Earth to create humans.

- [21] Young, 1991
- [22] Ristvet, L. (2014) *Ritual, Performance, and Politics in the Ancient Near East*. Cambridge: Cambridge University Press.
- [23] Ristvet, 2014
- [24] Young, 1991
- [25] Green, M. W. (1975) *Eridu in Sumerian Literature*. Chicago: University of Chicago
- [26] Rothman, M. S. (2001b) *Uruk, Mesopotamia & Its Neighbors*. Santa Fe: School of American Research Press. .
- [27] Leick, 2001
- [28] Ristvet, 2014
- [29] Ristvet, 2014
- [30] Crawford, H. E. W. (2004) *Sumer and the Sumerians*. Cambridge: Cambridge University Press
- [31] Ristvet, 2014
- [32] Rothman, 2001
- [33] Castel, C. and Peltenburg, E. (2006) Urbanism on the margins: third millennium BC Al-Rawda in the arid zone of Syria. *Antiquity*, 81. 601 - 616
- [34] Ristvet, 2014
- [35] Ristvet, 2014
- [36] Ristvet, 2014
- [37] Crawford, 2004
- [38] Douglas, M. (1987) *Constructive drinking: perspectives on drink from anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press
- [39] Frangipane, M. (1997) "A 4th-millenium temple/palace complex at Arslantepe-Malatya. North-South relations and the formation of early state societies in the Northern regions of Greater Mesopotamia." *Paléorient*, 23:1. 45-73
- [40] Joffe, A.H. (1998) "Alcohol and social complexity in ancient Western Asia." *Current Anthropology* 39:3. 297-322
- [41] Joffe, 1998
- [42] Crawford, H. (1981) "Some fire installations from Abu Salabikh, Iraq." *Paléorient* 7:2. 105-144
- [43] Joffe, 1998
- [44] Powell, M. A. (1995) "Metrology and Mathematics in Ancient Mesopotamia". In Sasson, J. M. (ed.) *Civilizations of the Ancient Near East*. New York: Charles Scribner's Sons.
- [45] Powell, 1995
- [46] Goulder, G. (2010) "Administrators' bread: an experiment-based re-assessment of the functional and cultural role of the Uruk bevel-rim bowl." *Antiquity* 84. 351-362
- [47] Goulder, 2010
- [48] Postgate, J.N. (2002) *Artefacts of Complexity: Tracking the Uruk in the Near East*. Warminster, British School of Archaeology in Iraq
- [49] Chazan, M., and Lehner, M. (1990) "An Ancient Analogy: Pot Baked Bread in Ancient Egypt and Mesopotamia." *Paléorient* 16:2. 21-35
- [50] Pollock, S. (1992) "Bureaucrats and Managers, Peasants and Pastoralists, Imperialists and

Traders: Research on the Uruk and Jemdet Nasr Periods in Mesopotamia.” *Journal of World Prehistory* 6:3. 297-336

[51] Goulder, 2010

[52] Collon, D. (2005) *First Impressions, Cylinder Seals in the Ancient Near East*, London: British Museum Press

[53] Pollock, 1992

[54] Roth, M. T. (1997) *Law Collections from Mesopotamia and Asia Minor*. Atlanta: Scholars Press

[55] Roth, 1997

[56] Herrmann, 1966

[57] Leick, 2001

[58] Leick, 2001

[59] Bilkadi, Z. (1984) “Bitumen - A History.” *Aramco World*, 35: 6.

[60] Wilkinson, 2000

[61] Bahrani, 1998

[62] Raaflaub, K., and Nathan R, (eds) (1999) *War and Society in the Ancient and Medieval Worlds: Asia, The Mediterranean, Europe, and Mesoamerica*. Cambridge: Center for Hellenic Studies, Harvard University. . .

[63] Trigger, B. G. (2003) *Understanding Early Civilizations: A Comparative Study*. New York: Cambridge University Press. .

[64] Smith, A. T. (2003) *The Political Landscape: Constellations of Authority in Early Complex Polities*. Berkeley: University of California Press. .

[65] Bogucki, 1990

[66] Bogucki, 1990

[67] Bryce, T. (2009) *The Routledge Handbook of the Peoples and Places of Ancient Western Asia: The Near East from the Early Bronze Age to the Fall of the Persian Empire*. London: Routledge. .

[68] Wilkinson, T. J. (2007) Ancient Near Eastern Route Systems: From the Ground Up. *Archatlas* (<http://www.archatlas.dept.shef.ac.uk/workshop/TWilkinson07.php>)

[69] Ristvet, 2014

[70] Bryce, 2009

[71] Ristvet, 2014

[72] Bryce, 2009

[73] Bryce, 2009

[74] Hodder, I. (ed.) (1996) *On the Surface: Çatalhöyük 1993–95*. Cambridge: McDonald Institute for Archaeological Research and British Institute of Archaeology at Ankara. .

[75] Hodder, 1996

[76] Sherratt, A. (2004) “Trade Routes: The Growth of Urban Supply Routes 3500 BC – AD 1500.” *Archatlas* (<http://www.archatlas.dept.shef.ac.uk/Trade/Trade.php>)

[77] Wilkinson, 2007

[78] Wilkinson, 2000

[79] Sundsdal, K. (2011) “The Uruk Expansion: Culture Contact, Ideology and Middlemen.”

Norwegian Archaeological Review, 44: 2. 164 - 185. .

[80] Wilkinson, R. H. (2000) *The Complete Temples of Ancient Egypt*. London: Thames & Hudson

[81] Rothman, 2001

[82] Rothman, 2001

[83] de Schauensee, M. (2002) *Two Lyres from Ur*. Philadelphia: University of Philadelphia Museum of Archaeology and Anthropology

[84] de Schauensee, 2002

[85] Baadsgaard, A., Monge, J., Cox, S., and Zettler, R. L. (2012) "Bludgeoned, Burned, and Beautified: Reevaluating Mortuary Practices in the Royal Cemetery of Ur." in *Sacred killing: the archaeology of sacrifice in the ancient Near East*. Winona Lake.: Eisenbrauns. 125 - 158. .

[86] Castel and Peltenburg, 2006

[87] Wilkinson, T. J. (2000b) "Settlement and Land Use in the Zone of Uncertainty in Upper Mesopotamia." In R.M. Jas (ed.) *Rainfall and agriculture in Northern Mesopotamia: Proceedings of the Third MOS Symposium*. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten. 3 - 35. .

[88] Castel and Peltenburg, 2006

[89] Crawford, 2004

[90] Crawford, 2004

[91] Bryce, 2009

[92] Crawford, 2004

[93] Bryce, 2009

[94] Ristvet, L. (2014b) "Between ritual and theatre: political performance in Seleucid Babylonia." *World Archaeology*, 46:2. 256-269

[95] Downey, S. B. (1988) *Mesopotamian Religious Architecture: Alexander Through the Parthians*. Princeton: Princeton University Press

[96] Potts, D.T. (1997) *Mesopotamian Civilization: The Material Foundations*. New York: Cornell University Press

[97] George, A. (2003) *The Babylonian Gilgamesh Epic - Introduction, Critical Edition and Cuneiform Texts*. Oxford: Oxford University Press. .

[98] McCown, D. E. (1952) "Excavations at Nippur, 1948-50." *Journal of Near Eastern Studies*, 11:3. 169 - 176. .

[99] van Ess, M. and Fassbinder, J. (2005) "Magnetic prospection of Uruk (Warka) Iraq." *La Prospection Géophysique: Dossiers d'Archeologie*, 308. 20-25

[100] Ur, J. (2003) "CORONA Satellite Photography and Ancient Road Networks: A Northern Mesopotamian Case Study." *Antiquity* 77: 102-115

[101] Ur, J. (2007) "Agricultural and Pastoral Landscapes in the Near East: Case Studies using CORONA Satellite Photography." *ArchAtlas*

(<http://www.archatlas.dept.shef.ac.uk/workshop/Ur07.php>)